

[...] reticências

MARÇO/2013

ano 0. n° 0.



Nós que aqui estamos por vós esperamos



APRESENTAÇÃO

Certos encontros e momentos da vida produzem encantamentos - daqueles que você se torna incapaz de explicar em palavras ou traduzir para quem quer que seja. Foi assim meu encontro com o documentário de Marcelo Masagão, “Nós que aqui estamos por vós esperamos”. Porque aquilo me impactou de maneira especial, até hoje quando mostro o filme para alguém miro sua face diante da sequência final - e reveladora. Olhares espantados como aqueles que eu mesmo manifestei ao assistir pela primeira vez a produção, ainda no tempo do mestrado. Tais surpresas me encantam.

Quando decidimos, coletivamente, que produziríamos uma revista - ainda sem nome, projeto ou linha editorial - percebi que aquele filme poderia ser um bom ponto de partida. Convidei a turma de Jornalismo Impresso I para que o assistíssemos. Lembro que uma das primeiras respostas que obtive quando perguntei o que os alunos tinham achado foi um simples e apropriado adjetivo: “mórbido”.

Uma morbidez poética e reflexiva. A partir de uma proposta que tenta observar a história do século XX através dos olhares de “pequenos personagens”, Masagão invoca o aconselhamento espiritual de Eric Hobsbawm e de Sigmund Freud. Afinal, “o historiador é o rei e Freud é a rainha”.

Essa reflexão e toda essa poesia em torno das pulsões de vida, amor e morte de um grupo de sujeitos jovens, interessados e capazes produziu a revista. Uma revista que ganhou nome - [...] reticências -, tema e pautas sobre a morte.

Henrique Oscar, quando apresenta “O auto da Compadecida”, diz que levados “pelo medo, ‘os homens terminam por fazer o que não presta, quase sem querer’”. E como o diabo - por nunca ter sido homem - não entende o que é o medo, as personagens [da peça de Ariano Suassuna] explicam que é o medo da fome, do sofrimento, da morte e da solidão”.

É sobre isso a beleza do filme - a história devastadora dos homens e das mulheres do século XX é uma história de violência e morte. E, por consequência quase natural disso tudo somado à velocidade da vida moderna, é também uma história de doença mental, paranoia, depressão.

A morte nos iguala. Embora o Chicó de Ariano chegue a pensar que “só quem morre completamente é pobre, porque com os ricos a agonia continua por tanto tempo depois da morte, que chega a parecer que ou eles não morrem direito ou a morte deles é outra”, a história humana que, afinal, é bem retrata nos textos da revista [...] reticências, mostra o contrário. Gravoche, personagem menino do musical Os miseráveis, diz o que sabe o senso comum: somente na morte ricos e pobres serão iguais.

Ao decidirmos fazer esta revista, com esta temática, fomos atingidos no meio do processo por histórias comovedoras. Um incêndio em uma boate vitimou mais de 230 jovens de idades muito semelhantes aos autores desta revista. Se havia uma reflexão sobre a morte de uma perspectiva social, religiosa, espiritual e mesmo política, o que era refletido se tornou dolorosamente concreto num repente. É como se cada um daqueles jovens, de uma forma ou outra, venha, agora, a ser visto no texto destes outros universitários - que como cada brasileiro sentiram um pouco daquela dor coletiva na manhã daquele domingo em Santa Maria (RS).

E quando embalávamos o artigo de Vinicius Mateus sobre suicídio eis que a história do jovem Carlos Alexandre Azevedo nos ajuda a lembrar que o país morreu por 21 anos há pouco mais de três décadas. Filho do jornalista Dermi Azevedo, Cacá foi torturado com um ano e oito meses de idade na mesma cadeia em que seus pais estavam presos e torturados por causa da militância política contra o regime militar. Cacá nunca se livrou da tortura e da morte da alma que ela provoca - a morte o acompanhou até que o convenceu a se deixar levar por ela quase quarenta anos depois.

Dor maior de um pai que sabe ser aquela a morte da morte na vida de seu filho. “Como acontece com os crimes da ditadura de 1964/1985, o crime ficou impune. O suicídio é o limite de sua angústia”, disse Dermi.

Os ditadores estão lá, paranóicos como só eles podem ser. Masagão não os esqueceu porque esquecê-los é condenarmo-nos a tê-los de volta. Boas vidas, vidas despedaçadas, mortes honrosas, traumas de guerra: essas as inspirações.

Nesse primeiro número da revista [...] reticências é a morte que nos convida a refletir - como, aliás, é ela que nos convida a refletir e a viver em todo tempo.

“Vida louca, vida breve, já que eu não posso te levar, quero que você me leve”.

ÍNDICE

Reitor

Prof. Jesualdo Pereira Farias

Vice-Reitor

Prof. Henry Campos

Reitoria

Av. da Universidade, 2853
60020-181 - Fortaleza - CE
Fone: (85) 3366.7300
Internet: www.ufc.br
E-mail: reitor@ufc.br

Coord. de Comunicação Social e Marketing Institucional

Nonato Lima
Fone: (85) 3366.7319
E-mail: ufcinforma@ufc.br

Assessor de Comunicação Institucional

Italo Gurgel
Fone/Fax: (85) 3366.7328

Revista [...] reticências

Av. da Universidade, 2762
Benfica - Fortaleza - Ceará
CEP: 60020-180
Fone: (85) 3366.7718

Editor e jornalista responsável

Daniel Dantas (DRT RN1015/P)

Texto e Reportagens

Andressa Bittencourt
Andressa Souza
Bárbara Rocha
Camila Aguiar
Criselides Lima
Diego Guilherme Pereira
Flávio Augusto
Jéssica Maria Viana
João Vitor Rocha
Joyce Lopes
Larissa Colares
Liana Ibiapina
Luana Barros
Maria Aparecida
Monique Lessa
Paulo Jefferson Barreto
Raissa Veloso
Renata Nunes
Roberta Souza
Tavares Neto
Vinícius Mateus
William Santos

Fotos

Andressa Bittencourt, Gleydson Moreira,
Luana Barros, Lucas Abreu, Maria Aparecida,
Mundo Gump

Projeto Gráfico

Andressa Bittencourt e Camila Aguiar

Diagramação

Andressa Bittencourt, Camila Aguiar e
Raissa Veloso

Revisão

Daniel Dantas

Periodicidade

Semestral

5 Editorial - Vem,
mas demore a chegar

6 Entrevista - Nilza
Viana, Coordenadora
de Comunicação do
CVV Nordeste

8 Reportagem -
Quando a Arte imita a
Morte

10 Perfil - A vida que
cuida da morte

12 Fotografia -
Cemitérios

14 Reportagem - A
morte como fonte de
renda

16 Entrevista - No-
nato Albuquerque: O
olhar da massa é para
o trágico

20 Perfil - A vida
marcada pelas mortes

22 Crônica - A gente
morre e vai pra onde?

24 Crônica - No
místico é fácil, que-
ro ver me mostrar na
realidade!

25 Artigo - Refle-
xões sobre os suicidas

26 Reportagem -
Um começo depois do
fim

34 Coluna Visual -
Morto ou Vivo?

36 Reportagem - A
Vida de quem noticia a
Morte

43 Artigo - Epitá-
fio, aqui jaz a última
lembrança de um
homem... Ou porque
não dizer a última vai-
dade.

Vem, mas demore a chegar

A morte em incêndio de mais de 230 jovens na triste madrugada da boate Kiss, no início desse ano, emocionou milhões de brasileiros e pessoas em todo o mundo. Todos os jovens que gostam de se divertir e frequentam esses tipos de ambientes se sentiram aparvalhados com a proximidade que tal acidente tinha de seus próprios contextos de vida. Podia ter acontecido com qualquer um deles. Tal fato causou tanto espanto, que toda sociedade foi inserida, quase que por inércia, na grande esfera de discussão do tema. A morte, destino ao qual todos estão fadados, nos envolve em uma complexa teia de sentimentos. Medo, curiosidade, identificação, e tantos outros, que sobre circunstâncias diversas nos faz refletir sobre nossa própria vida e sobre a ética social. Distingue-se entre naturais, que são causadas por elementos internos, e as “não naturais” causada por elementos externos, que vão de acidentes até atos premeditados. Morte, de uma maneira geral, causa comoção às pessoas, mas os diferentes contextos e as especificidades sempre transformam nossa percepção. Nosso interesse individualizado de viver sempre nos coloca no contexto do morto e passamos a viver com medo de repetir seus passos e seu azar. No âmbito individual, o ser humano faz coisas para se manter vivo. A autopreservação da vida é característica de qualquer espécie. O ser humano, em sua condição de pensante, tenta criar tecnologias para prolongar ou proteger sua própria existência.

Talvez não exista tanta preocupações com mortes causadas por motivos relativamente “distantes” da maior parte da população. Quem nunca passou por uma fome extrema nunca sentirá um medo permanente de morrer de fome, assim como quem está fisicamente e emocionalmente distante de alguma doença não terá medo dela. Os acidentes de trânsito e os assassinatos causados pela desigualdade de distribuição de renda são realidades muito próximas do contexto da maior parte da população. Não nos preocupamos com as mortes causadas pelas várias guerras que rodeiam o mundo, como a entre Israelenses e Palestinos, nem com as causadas pela repressão promovida pelos Estados totalitários - dessas nem ficamos sabendo. Nesse sentido, formas diferentes de morte acabam agregando “valores” diferentes. Mortes são valorizadas a medida em que elas são uma realidade próxima. Nos Estados Unidos houve uma grande mobilização contra a guerra do Vietnã, que foi decisiva para a desistência estadunidense. Os filhos das famílias brancas de classe média estavam morrendo e, diferente de quando morriam negros e lati-

nos, a opinião geral sobre a morte se manifestava como forma de protesto.

Pode-se concluir então que algumas mortes de fato “valem” menos. E essas diferenças de valores se refletem na forma como a cobertura midiática se debruça nos fatos. De acordo com IBGE o número de homicídios vem aumentando e a desigualdade social é o principal motivo para o triste número. A crescente violência urbana, que levou mais de 2 milhões de brasileiros nas duas últimas décadas do século XX, preocupa a maior parte da população e por isso ganha sempre espaço nos jornais. As mortes causadas pela violência são valorizadas pela proximidade com o cotidiano da maioria da população. Mesmo essa forma de óbito ser considerada como “não natural” sua banalização é um processo tão intenso que ela se naturaliza. A morte em si é natural, mas nem todas suas causas podem ser aceitas. Afinal, mesmo sabendo que mortes causadas por calamidades como terremotos, erupções vulcânicas, tsunamis e furacões são o resultado de forças geológicas naturais quase impossíveis de serem enfrentadas, tenta-se de várias formas se prever e se defender dessas catástrofes. Por que não se amenizar também os números de mortes “não naturais”, causadas por contextos sociais de desigualdades extremas e perspectivas de vida exíguas? Não tem como não sentir revolta. Não é possível que sejamos tão mesquinhos, a ponto de ser condescendente com onda de matanças que acontecem debaixo do nosso nariz? As guerras não poderiam ser evitadas se os sonhos não fossem regidos pela ganância? Será que pedir uma paz real e que pelo menos esse tipo de morte seja cessada, está além da capacidade humana, para que o ciclo natural que aprendemos ainda na escola seja de fato a realidade procedente?

Não podemos aceitar índices tão altos de mortes “não naturais”, causadas em demasia pelas guerras internacionais ou pelas guerras internas, provinda das desigualdades sociais ou pela falta de saúde. A morte, por essência, deveria ser um processo natural, resultado do enfraquecimento imunológico e da gradual diminuição metabólica do organismo humano. Relevados as milenares desgraças biológicas e as catástrofes naturais, que em alguns momentos conseguem ser amenizadas pelos desenvolvimento científico, não poderíamos construir um mundo onde as guerras civis e internacionais não fossem necessárias. Seja lá qual for sua crença, lutamos sempre para ter uma boa vida e evitamos o máximo possível a morte. Que ela venha, mas demore, demore, demore... por favor, ninguém quer morrer amanhã.

[...]

Nilza Viana – Coordenadora de comunicação do CVV Nordeste

por Joyce Lopes e Monique Lessa

Dona Nilza chegou à sede do CVV às 14 horas em ponto. Horário marcado para a entrevista. Pontualidade, aliás, parece ser fundamental ao trabalho que desempenha. Atendendo ligações, sempre à disposição da pessoa que interpela do outro lado da linha. Estar em ponto. E pronto a ouvir. Essa é a missão de quem, assim como ela, dedica parte de suas vidas àqueles que precisam de atenção.

Professora aposentada, Nilza Viana é voluntária há mais de vinte anos no Centro de Valorização da Vida, organização não governamental que trabalha na prevenção do suicídio. A principal iniciativa da ONG é o Programa de Apoio Emocional, um serviço realizado, sobretudo, por telefone e que se resume a isto: conversar. Parece simples, mas para quem está em um momento de angústia ou de solidão, pode fazer toda a diferença.

1. Como a senhora conheceu o CVV?

Tem 22 anos que eu conheci o CVV, através de uma reportagem em um jornal, achei interessante e vim pra conhecer. Fiz um curso, porque aqui a gente passa por um curso de seleção e capacitação, conhece o trabalho, e só depois de uma avaliação, que verifica se temos o perfil para ser voluntário, eu fiquei. Pensei em ficar pouco tempo e já estou com 22 anos.

2. A senhora pode falar sobre processo de seleção?

Em um primeiro momento, se apresenta o trabalho. (...) É aberto ao público, para quem quiser vir, trazer os amigos, para conhecer o CVV. A partir daí, nós temos mais nove reuniões, uma vez por semana, que já são direcionadas, (...) nas quais a



Nilza Viana é voluntária no CVV há mais de vinte anos

pessoa que quer ser voluntário vai se trabalhar, se conhecer e conhecer a instituição. Quando terminam essas nove semanas, a pessoa passa por uma entrevista e só depois vai para o estágio, acompanhada por um voluntário mais experiente. Ela fica sozinha na sala, porque é um trabalho sigiloso, e só procura o outro voluntário caso ela precise de alguma orientação (...) e para contar quais foram as dificuldades que ela sentiu. A partir daí, ela assume um plantão. Resumindo, são uns três meses.

3. Como é feito o atendimento?

Depende do momento da pessoa. Às vezes ela liga porque só quer chorar, ou às vezes porque quer brigar, (...), expressar a sua raiva, (...) e ela vai colocando o que ela sente. Tem pessoas que ligam para falar de alguma perda, de uma pessoa querida, ou perda da saúde, do emprego, qualquer que seja. Porque às vezes, em casa, ela já falou tanto sobre aquilo que ninguém quer mais ouvir, então ela liga para ser ouvida. (...) A gente conversa com ela, respeita o que ela está trazendo, seja lá o que for. Escuta, conversa, fala quando é necessário, e, na maioria das vezes, a gente fala menos e escuta mais.

4. O voluntário consegue perceber quando está lidando com uma situação grave? Qual o tipo de abordagem para essas situações?

Sim, às vezes a pessoa fala que quer morrer. Então o papel do voluntário nesse momento é muito delicado, porque se ele for um voluntário que não estiver preparado, ele pode até comprometer esse atendimento. E a forma que nós colocamos é “Vamos conversar sobre isso”, “O que está te levando a pensar nisso?”, “Eu estou aqui do seu lado e gostaria de te ouvir”. E então a pessoa percebe que tem alguém ali que quer ouvi-la, e ela acaba falando, conversando... Não estou colocando que a pessoa vai mudar totalmente de ideia naquela hora, (...) porque esse processo é muito doloroso para ela, mas o importante é que naquele momento ela teve alguém para ouvi-la.

5. Existe algum motivo mais frequente que leve as pessoas a ligarem para vocês?

Eu acredito que no momento a gente está vivendo um momento de muita depressão, solidão. Quando a gente fala em solidão, não é a questão do estar sozinho. Porque, às vezes, você estar sozinho é uma opção sua. Mas é aquele sozinho interior, aquele sozinho que dói, aquele sozinho da falta, acho, dela mesma. Essa ausência dela, de ela não saber nem quem ela é mais. De ela ter trilhado um caminho totalmente diferente. Às vezes, a pessoa diz assim, “eu tenho saudades da pessoa que eu era, mas peguei um caminho que eu não sei voltar”.

6. Quais são as dificuldades em se trabalhar ouvindo as angústias de outras pessoas e de quais formas o voluntário evita se deixar abater ao ouvir essas histórias?

Nós estudamos, (...) temos reuniões mensais, fazemos pesquisas internas, ouvimos quais são as dificuldades dos voluntários, (...) trazemos profissionais para dar palestras e conversar com o grupo. Mas, da mesma forma que nós atendemos essas pessoas, às vezes a gente também acaba precisando e procura o próprio grupo. (...) É claro que de vez em quando a gente se pega meio para baixo, quando a outra pessoa que desligou o telefone te falou algo muito ruim, nós também ficamos um pouco abatidos, mas buscamos logo retornar ao equilíbrio, conversar com outro voluntário, expor aquilo nas reuniões. Porque senão, quando a gente chega em casa deprimido, a família pergunta o que estamos fazendo que está nos deixando daquele jeito.

7. Em sua trajetória, houve alguma história marcante?

Acho que todas elas são marcantes. Eu não saberia definir que essa foi mais, ou essa foi menos. Mas as histórias de perda são muito marcantes, quem perde um filho, ou uma pessoa querida, (...) a pessoa perde a fé naquele momento. Mas todas elas são muito marcantes.

8. E a senhora mesma já chegou a ligar para ser ouvida?

Não, ainda não (risos). Mas no dia em que eu precisar, com certeza, irei ligar. Porque a gente pode ligar e não se identificar. Se um voluntário tem necessidade de ligar, ele vai ser tratado como uma pessoa que liga. Eu posso reconhecer você, mas eu não vou dizer.

Serviço:

Centro de Valorização da Vida

Sede Fortaleza: Rua Ministro Joaquim Bastos, 806, Bairro de Fátima

Mais informações: www.ccv.org.br

Atendimento por telefone: 141

[...]

REPORTAGEM

Quando a Arte imita a Morte

Formas e representações culturais do ciclo final da vida

por Flávio Augusto e Tavares Neto



Foto promocional da série "Six Feet Under"

A morte sempre chamou atenção de quem ainda está vivo. Deslocada do habitual, ela é ainda mais chamativa, desperta reações das mais distintas. E se a arte funciona como representação da vida, ela também tem de representar o fim de seu ciclo. Ao longo das décadas, muitos artistas, cineastas e escritores perceberam a importância da morte, e passaram a acrescentar a sua eminente presença nos mais variados produtos culturais.

Se voltarmos um pouco no tempo, fica fácil perceber que as pessoas apreciam a morte como uma forma de contato com a realidade. No século XIX, um necrotério em Paris iniciou um hábito de expor corpos com o objetivo de identificá-los. A partir disso, o equipamento virou um verdadeiro espetáculo. Acumulou públicos, chegando a 40 mil pessoas em seus dias mais movimentados. Todos queriam ver os corpos. Formavam-se filas e filas.

Segundo a pesquisadora Vanessa Schwartz em seus estudos publicados sobre o espectador cinematográfico antes do cinema, práticas como essas influenciaram nos hábitos e criações do cinema da época. “Ao examinar práticas que coexistiram com os momentos iniciais do cinema, minha hipótese é de que este terminou por ser mais do que apenas um de uma série de novas invenções, porque incorporou muitos elementos que já podiam ser encontrados em diversos aspectos da chamada ‘vida moderna’.”

Considerado um dos melhores filmes de todos os tempos, o “Sétimo Selo” (1956) do sueco

Ingmar Bergman projeta a relação de um homem encarando o medo de morrer. A personificação da morte desafia um cavaleiro a jogar xadrez, ameaçando-o de tomar sua vida caso perca. O homem, em intervalos do jogo, passa a questionar e indagar o sentido da vida. Ao longo de sua carreira, Bergman realizou outros filmes que mostravam a maneira que certos personagens encaravam e aceitavam o inevitável destino, sendo o mais importante “Morangos Silvestres” (1957). Alguns filmes como “O Céu Pode Esperar” (1978), “A Morte lhe Cai Bem” (1992), “Um Espírito Atrás de Mim” (2008), trazem um aspecto de vista mais cômico acerca da temática.

Outra famosa representação, dessa vez de uma maneira mais positiva, acontece no seriado “Six Feet Under” (A Sete Palmos, tradução brasileira). A cultuada série do canal norte americano HBO, foi ao ar em 2002 e encerrou sua trajetória composta de cinco temporadas em 2005. A trama mostrava o entrelaçamento dos dramas pessoais dos principais membros da família Fisher, os donos de uma agência funerária, com a grande temática da série: a morte. O seriado ganhou muita notoriedade pela morbidez apresentada com muita naturalidade, e pelos debates que promoveu acerca de controversos temas como sexualidade, instituições matrimoniais, incesto e religião. A morte estava presente em cada episódio através dos clientes que passavam pela funerária “Fisher and Sons”, que acabavam por influenciar as ações de suas personagens.

A representação da temática ganhou força nas telas brasi-

leiras graças ao cineasta José Mojica Marins, mais conhecido por seu alter-ego Zé do Caixão. A morte no cinema de Zé se relaciona com o gênero do terror, muitas vezes carregada de sadismo com o intuito de amedrontar o público.

Na literatura, o fim da vida esteve presente e se tornou uma das principais características de muitos autores. No século XIX, marcado pela presença do Romantismo, a sua segunda geração, a morte era vista como solução para os pesares da vida. Os grandes românticos e idealizadores falavam de amor e morte no mesmo suspiro. Alvares de Azevedo com sua coletânea de histórias, “Noite na Taverna” tinha a morte como um acontecimento. Tons trágicos, misturado a incestos e assassinatos, criavam a fantasia das histórias.

Considerada uma obra-prima do português José Saramago, “As Intermitências da Morte” trata de uma tragédia anunciada que toma rumos diferentes ao longo da trama. Algumas características da obra se aproximam do também famoso “Ensaio Sobre a Cegueira” e sua estória se passa em um país sem nome e começa em um 1º de janeiro quando a população simplesmente para de morrer. A partir daí, são mobilizadas uma série de autoridades para tentar resolver o problema. Saramago escreve sobre como a morte e sua importância na organização da sociedade.

Todas essas e mais outras representações deixam claro o papel que muitos desconheciam: a maneira que a arte encontra de sepultar, e que em muitas vezes exerce este papel melhor que qualquer coveiro.

A vida que cu

por Camila Aguiar

Há quem cuide de nós em cada momento da vida. Reconhecemos essas pessoas nos momentos de atenção dedicados a nós. Katia é uma delas. Como professora em escola, já cuidou de muitas infâncias. Hoje, trabalha no cemitério Parque da Saudade, no município de Caucaia, e toma conta das despedidas. Sabe bem como é lidar com o começo e o fim da vida, e faz questão de assegurar que as partidas sejam serenas.

Há quatro anos, Katia assume a função de auxiliar administrativa no cemitério. Mas o nome registrado no contrato não traduz a sua tarefa diária. Mais de uma vez por dia, ela recebe as notícias de morte, organiza os velórios e os sepultamentos e acompanha a família em todo o procedimento. Parece fácil, mas o trabalho é mais do que a burocracia. Katia precisa estar presente em todos os enterros realizados no Parque da Saudade, para conferir o trabalho dos coveiros. É ela quem lida diretamente com a família e dá suporte total a qualquer necessidade. Ver de perto o sofrimento das pessoas é o mais duro.

O que muda do antigo trabalho de Katia para o seu serviço no cemitério é apenas o local. Um cemitério é um lugar incomum e pode assustar no começo, mas Katia se adaptou facilmente. Ela considera que continua fazendo o de sempre: lidando com pessoas. A diferença é ter que conviver com as lágrimas. Ruim mesmo é quando, em algum enterro, Katia pensa na sua própria família. Antes, não conseguia acompanhar os sepultamentos de crianças, porque perdeu um bebê aos sete meses de gravidez.

Visitas

Sombrio e assustador. É assim que imaginamos um cemitério, inspirados pelo que vemos nas telas de cinema. Mas a realidade não é como nos filmes. O cemitério Parque da Saudade, como tantos outros em Fortaleza, é uma imensidão de chão verde, florido de todas as cores. É quase como o Paraíso que idealizamos para o fim de nossa vida.

Os dias de Katia são marcados pela morte, mas há também aqueles em que outras vidas trazem alegria ao cemitério. São visitantes que nunca faltam, como Dona Dalva, Dona Jane

e Dona Lorena. Todas “donas”, porque tratadas com muito respeito. Todos os domingos, elas vêm visitar o marido, a mãe e o pai, respectivamente, que estão sepultados no Parque da Saudade. Dona Dalva traz bolo e refrigerante e distribui para todos. O mais famoso é o “Velho do Bombom”. É assim que os funcionários chamam o senhor que toda semana visita a filha e deixa pacotes de bombons para ela.

O medo dos vivos

Katia tem a voz firme quando explica o seu trabalho no cemitério, descreve com detalhes tudo o que faz, mas fica nervosa e ri tímida quando fala da sua opinião sobre a morte. Ela já se acostumou com o ambiente, mas ainda tem muitos medos e se assusta com as histórias de fantasmas. Faz questão de dizer que continua sendo a mesma pessoa de sempre. Os amigos diziam: “você vai ficar com um coração de pedra!”, mas a doçura na fala garante que não. Se algo mudou desde que começou a trabalhar no cemitério, não foi o modo como encara a morte, e sim como enxerga a vida. As “coisas fúteis”, ela mesma diz, perderam importância.

vida da morte

O medo de morrer nunca diminuiu. “É um medo estranho, né?”, ela reflete. Quer viver para cuidar do pai e da mãe, mas tem medo também de perder a família e ficar sozinha. Além disso, acredita em reencarnação e tem medo de fantasmas. Quando precisa sair do cemitério à noite, sente calafrios enquanto atravessa o terreno até a saída. No começo, tinha muitos pesadelos com gente morta. O mais marcante foi depois de assistir a uma exumação, quando sonhou que era perseguida pelo esqueleto. Também já ouviu vozes nas salas de velório, e garante que não havia ninguém com ela no momento. Acredita que as vozes e os vultos que pensa ver aparecem por falta de reza.

Apesar dos incômodos, Katia faz questão de deixar claro que gosta do que faz. Quando perguntam se ela não tem medo de trabalhar em um cemitério, ela explica que já se acostumou. Afinal, “a gente tem que ter medo é dos vivos, e não dos mortos”.

[...]

FOTOGRAFIA

“Morrer é apenas não ser visto. Morrer é a curva da estrada.”

Fernando Pessoa

“Os covardes morrem várias vezes antes da sua morte, mas o homem corajoso experimenta a morte apenas uma vez.”

Shakespeare

“Que a morte leve o meu corpo e deixe em minh’alma vivo só o coração”

André Boniatti

“Se quiseres poder suportar a vida, fica pronto para aceitar a morte.”

Freud

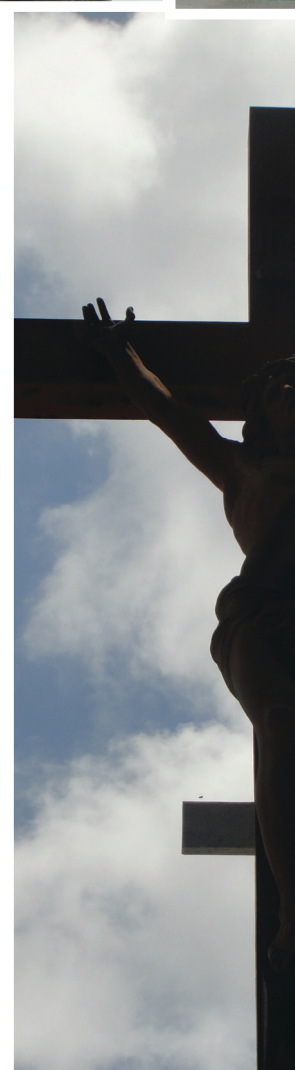
“A vida não passa de uma oportunidade de encontro; só depois da morte se dá a junção; os corpos apenas têm o abraço, as almas têm o enlace.”

Victor Hugo



Viver no coração daqueles

por Andressa Bittencourt e Maria Aparecida





que deixamos: isso não é morrer.



A morte como

por Larissa Colares e Liana Ibiapina

Alguns consideram uma ironia ganhar dinheiro quando uma pessoa morre, mas há todo um processo pelo o qual o cadáver passa até que o mesmo seja enterrado ou cremado. E não é qualquer pessoa que quer lidar com esses processos e com toda a rotina ligada a eles. Dessa forma, as pessoas que desempenham esse papel são necessárias. São médicos legistas, peritos criminais, coveiros, pessoas que trabalham em empresas funerárias ou até mesmo aqueles que produzem as coroas de flores que homenageiam os mortos. O que não falta é profissão ligada à morte.

Trabalhar numa empresa funerária nem sempre é o objetivo de alguém. Muitas pessoas que entram nesse ramo o fazem por necessidade. É o caso de Wendel Justino, 25 anos, que trabalha como atendente funerário há três anos. Justino relata que quando soube que a vaga de emprego estava em aberto teve certo receio, mas como estava desempregado há algum tempo, decidiu se candidatar. “A ideia de trabalhar com a morte foi um pouco assustador no início” afirma Justino.

As atividades realizadas por quem trabalha em uma funerária podem amedrontar. Mesmo após a morte, o cadáver pode

ter reações involuntárias, chegando a mexer partes do corpo e, até mesmo, expelir gases que ficam acumulados no estômago. Dessa forma, maquiar um cadáver para deixá-lo com um melhor aspecto ou ornamentar um caixão para o velório pode se tornar um verdadeiro desafio.

Quem trabalha e, muitas vezes, manuseia os corpos garante que, depois de um tempo, já não se sente medo ou receio. Para o motorista e agente funerário José Lopes de Sousa, 46 anos, os primeiros seis meses no trabalho foram os mais difíceis. Após seis anos trabalhando no ramo, ele afirma não ter mais medo. O ruim, segundo Sousa, é ter pessoas usando sua profissão como motivo de brincadeiras e apelidos.

Sobre o envolvimento emocional com o trabalho, Sousa garante que passou a considerar a morte como um processo natural e que só em alguns casos fica mais sensibilizado. “Quando é morte de uma criança é sempre mais difícil” afirma Souza. Já Justino diz é preciso tentar se distanciar emocionalmente dos casos pois não pode se comover ou chorar na frente da família, por exemplo. Segundo ele, a própria esposa já comentou a perda de sensibilidade que ele teve depois de começar a trabalhar no ramo.

As Funerárias

Por ser um ambiente relacionado a um assunto fúnebre e delicado, muitas pessoas tem um certo estranhamento ao falar de empresas funerárias. Uma funerária é como qualquer outra empresa que lida com vendas de bens e serviços. A diferença é que os bens e serviços ofertados por empresas desse ramo estão diretamente ligados à morte de alguém.

Nas funerárias podemos encontrar caixões de diversos estilos e preços, além de diferentes planos funerários. Não há um limite de preço e os caixões mais elaborados tendem a ter um preço alto, alguns chegam a custar 20 mil reais. Já os mais simples saem em torno de 850 reais. Os planos funerários, que custam em média 32 reais por mês, são opções que as famílias fazem para que, caso alguém venha a morrer, a empresa funerária possa cuidar de todos os trâmites necessários, como o enterro ou cremação do corpo. Os mais prevenidos escolhem e reservam os próprios caixões.

Os serviços oferecidos por uma funerária vão além da simples venda de um caixão. Entre eles, estão: o transporte do corpo, ornamentação do caixão, preparação do velório, produção de coroas de flores, organização de celebração religiosa e até mesmo a função de registrar

fonte de renda



Wendel Justino trabalha em uma funerária há três anos

a morte em cartório. Apesar de todos os aspectos tristes, a morte passa a ser também uma fonte de renda para muitos profissionais.

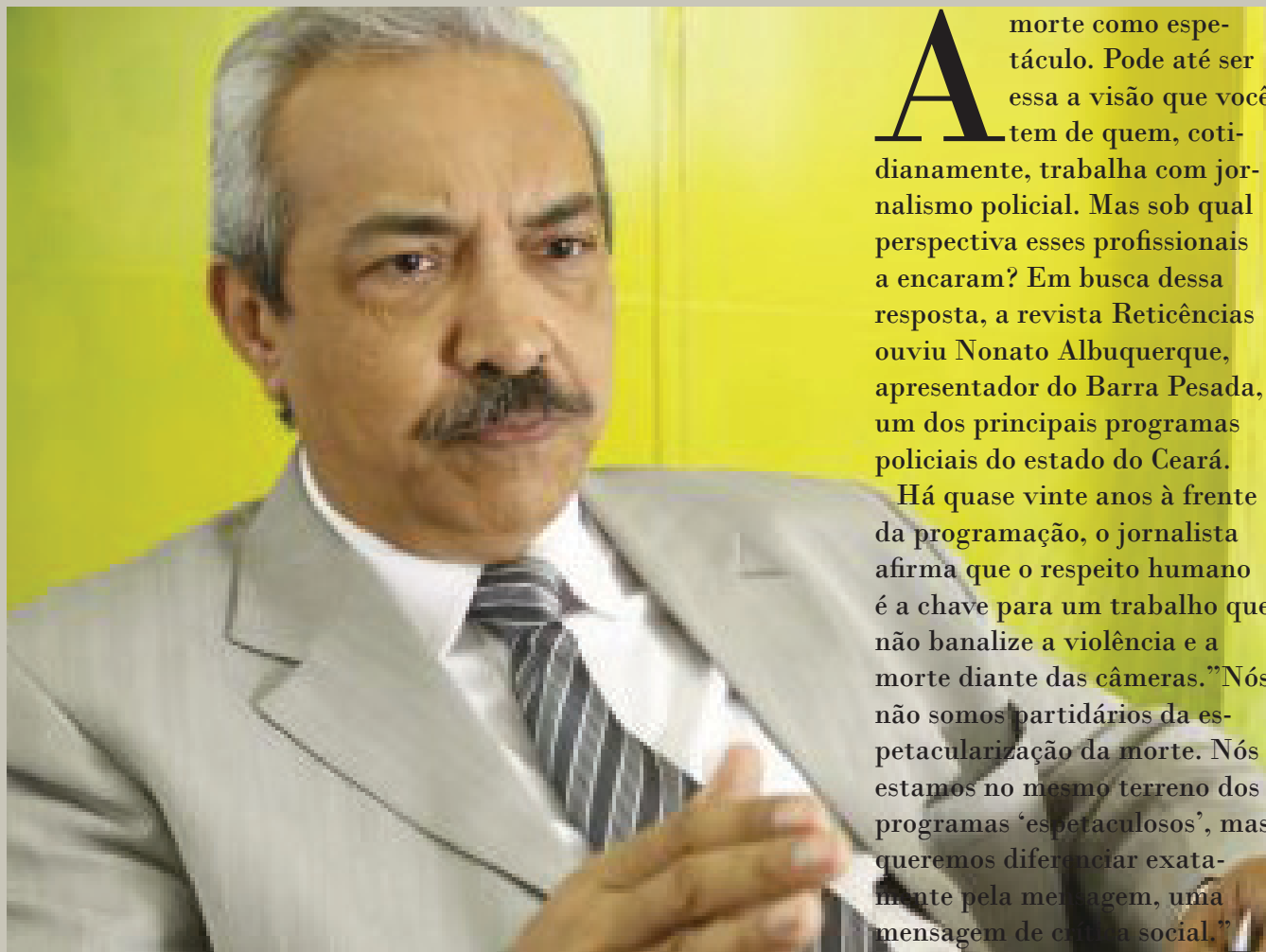
[...]

Caixões de diversos estilos e preços são vendidos em funerárias



Nonato Albuquerque: o olhar da massa é para o trágico

por Maria Viana e Paulo Jefferson Barreto



A morte como espetáculo. Pode até ser essa a visão que você tem de quem, cotidianamente, trabalha com jornalismo policial. Mas sob qual perspectiva esses profissionais a encaram? Em busca dessa resposta, a revista Reticências ouviu Nonato Albuquerque, apresentador do Barra Pesada, um dos principais programas policiais do estado do Ceará.

Há quase vinte anos à frente da programação, o jornalista afirma que o respeito humano é a chave para um trabalho que não banalize a violência e a morte diante das câmeras. "Nós não somos partidários da espetacularização da morte. Nós estamos no mesmo terreno dos programas 'espetaculosos', mas queremos diferenciar exatamente pela mensagem, uma mensagem de cunho social."

Apesar de apresentar programas de rádio e ser responsável pelas postagens de blogs que levam sua assinatura, você é conhecido do grande público por apresentar o programa Barra Pesada. Quando e como você começou a trabalhar nesse programa? Por que se interessou por esse gênero jornalístico?

Vai completar vinte anos que eu estou no Barra. Eu já passei por jornalismo impresso e venho do rádio, sempre trabalhando com notícias. Meu primeiro emprego foi com 14 anos como rádio escuta na rádio Iracema, em Iguatu. Eu fazia o noticiário nacional e internacional. Como não ti-

nhá internet, a gente ouvia o rádio, copiava tudo e 'teclava' pro repórter. Depois disso, eu vim pra Fortaleza e continuei trabalhando no rádio, fiz comunicação social na Universidade Federal do Ceará e fui convidado pra trabalhar no jornal O Povo, depois do meu estágio lá. Sempre gostei do jornalismo impresso. Rádio é minha primeira paixão, depois jornalismo impresso. Passei por todas as editorias, menos polícia, que eu nunca gostei de polícia, mas aí, de repente, surgiu um convite, na verdade um desafio. O Tancredo Carvalho me chamou pra fazer televisão. Eu já tinha feito televisão em programas de outros gêneros, mas recusei. Disse que não aceitava, principal-

mente se fosse pra ficar a frente do Barra Pesada. Três meses depois, ele continuou insistindo, chegou pra mim e disse “rapaz, deixa de ser covarde. Vai lá fazer um teste. Eu estou precisando de um repórter.” Bom, eu fui e eu fiz o teste. Passei, mas não quis seguir. Isso foi há vinte anos, em um mês de dezembro. Passou janeiro, fevereiro, março, abril... Eu recebi um desafio de vida e estou até hoje aqui.

Acho que o jornalismo policial ainda é insípido, feito de uma forma muito ainda sem abordagem da pesquisa, sem o aprofundamento das notícias, os programas policiais ainda não têm tempo necessário para trabalhar as notícias, aprofundando-as, no sentido de sair do factual, sabe? do ‘matou, morreu, prendeu, foi morto’. Eu acho que ainda há um caminho para ser seguido por jovens que hoje estão cursando e que possam dar uma nova cara ao jornalismo policial.

Pra alguém que nem queria seguir nessa área, estar à frente de um programa como o Barra Pesada foi uma mudança um tanto brusca, não?

Brusca, sim! [risos] Teve até editor meu, o Lira Neto, dizendo: “você tá doido?” e eu disse: “não, eu estou aceitando um desafio novo, uma coisa particular minha. E vou!” Na verdade, muita gente achou que eu estava tentando alcançar o trampolim que esses programas dão na carreira política de alguns. Convites não me faltaram, mas não é minha praia. A minha praia é outra. É uma visão muito mais lúcida do crime e do criminoso, que eu tenho e que eu possa passar em um comentário e que possa alcançar alguém, uma autoridade ou alguém que também faz parte do contexto policial, que esteja inserido aí. Se você me dizer: “É uma missão?” Eu não sei... Eu não coloco como uma missão. Acho que é uma tarefa que eu abracei, no sentido de que eu já tenho respostas, pra mim, de que é realmente aquilo que eu queria, embora não me dê alegrias, porque não dá pra dizer que dá alegria noticiar fatos assim, mas dá, dentro do contexto do desafio que eu aceitei e tenho alcançado.

O senhor falou que os programas policiais, hoje, são um tanto padronizados e que seria preciso repensá-los. Como seria essa mudança? Seria no tempo de exibição dos programas, na apuração dos fatos, ou seria no fato de usar uma

linguagem menos sensacionalista?

Uma linguagem menos policialesca e adentrar mais na linguagem jornalística. A maioria do programas policiais é composta por gente que advém do rádio, que não tem a visão crítica jornalística e que acaba se deixando levar, como se fosse o dono da verdade, adjetivando a tudo e a todos, como se eles fossem a palmatória do mundo. O jornalista não deve adjetivar, nem se sentir juiz pra julgar os fatos. Nós temos a responsabilidade de narrar esses fatos. O âncora, aqui, pode fazer comentários, mas hoje tá todo mundo ancorando, todo mundo fazendo comentário. Então, acho, que a gente precisa colocar os parafusos nos devidos lugares, pra que se adeque a verdadeira editoria do jornalismo policial às suas funções.

Alguns jornalistas que trabalham em programas como o Barra dizem que não se trata de um jornalismo policial, mas de um jornalismo social. Como o senhor classifica o jornalismo produzido pelo Barra Pesada?

Eu acho que essa classificação do social se refere ao fato de que o programa não se reporta apenas aos fatos policiais, mas também há uma prestação de serviço. Eu diria que sim, que nós também fazemos um jornalismo social, quando fugimos desse padrão policial. Ser diferente nesse meio é um bom princípio, não necessariamente no sentido de audiência, mas no sentido de qualificá-la.

O programa cumpre uma função social de denúncia, ou o senhor acha que programas desse tipo se utilizam desse argumento pra espetacularizar os fatos com a justificativa de ser porta-voz do interesse público?

Quando a gente tá na faculdade a gente tem essa visão da espetacularização dos fatos. Quando a gente tá no batente nos deparamos com outra realidade. Na verdade, quem tá do lado de fora vê sob esse ângulo. Mas, no meio de cada registro policial, há um enfoque dado pelo Barra - eu não acompanho os outros, eu não posso lhe garantir - mas que a gente tem uma visão muito mais contextualizada na crítica. Na crítica, não apenas ao fato, mas também de contra-argumentar sobre o papel, o papel da sociedade inserido naquele fato. A gente procurar alertar, desligar apenas do registro policial para adentrar nessa verdade que a própria sociedade desconhece.

O olhar social, o olhar da massa é para o trágico, não é? Nós temos uma consciência de que somos muito mais favoráveis a olhar o abismo do que as estrelas. A curiosidade do abismo nos atrai e a gente tem as estrelas à nossa disposição. Então, um corpo estendido chama mais atenção do que aquele fato que possa realmente estar intrínseco naquilo. Eu tenho essa visão de que a gente [equipe do programa] consegue ver dentro da tragédia alguma luz. Nós não somos partidários da espetacularização. Nós estamos no mesmo terreno dos programas espetaculosos, mas queremos diferenciar exatamente pela mensagem, que eu não sei se os outros têm, uma mensagem de crítica social, até mesmo a nós. Somos frágeis, somos humanos, erramos. As vezes, eu digo assim: “é o espelho do nosso cotidiano”, e onde eu coloco a cara no espelho, pra ver que eu sou tão errado quanto os errados que passam pelo programa.

“O olhar social, o olhar da massa, é para o trágico, não é?”

Uma das principais críticas que se faz em relação a esse tipo de programação é que elas promovem uma banalização não só da violência, mas também da morte.

Eu estou no programa porque eu sabia, há vinte e um anos, que a violência ia aumentar muito mais e que vai ficar ainda pior. A violência vai se estender muito mais, a corrupção vai aumentar muito mais, surgirão drogas piores que o crack. Não é a Televisão, quando abre espaço pra isso, que espetaculariza. Ela está repetindo o que é um dano da humanidade, que vem se processando através de outros mecanismos, o mecanismo da própria fragilidade da alma humana.

De que modo sua religião [Nonato é espírita] lhe permite ter uma visão mais humana, embora não condescendente, não só em relação aos casos de violência e morte, mas também de quem os pratica?

A visão humanística que eu tenho é que todos devemos pagar pelos nossos erros, sem aqueles benefícios que dizem ‘ ah, se você fizer aqui um

artesanatozinho você tem redução de pena? Não, trinta anos são trinta anos. Não tem negócio de redução de pena. Eu acho que eu cobro por uma justiça justa, embora ela não exista de fato. Acho que ainda sou muito da utopia de querer vê as coisas mudarem.

Trabalhar com o jornalismo policial é lidar com situações delicadas, como noticiar casos que envolvem assassinatos, por exemplo. Como o senhor avalia isso?

Quem me ver no Barra, acha que eu sou muito sisudo, sério, sabe? Mas, na verdade, eu sou um cara que brinca ainda hoje, escrevo humor. E isso é um lado até contraditório. O cara que apresenta um programa policial escreve humor. Então, a morte é algo normal pra mim, a morte natural, claro, diga-se de passagem, que é uma continuidade do caminho. Mudamos de roupa todos os dias pra tirar as vestes que estão ficando velhas e trocamos. Isso também ocorre no físico. Continuamos em outra dimensão. É preciso dizer que não pode ser encarada essa naturalidade da morte violenta. Não, cada um tem o seu tempo, cada broto de semente tem o tempo de crescer, florir, amadurecer e também tem o tempo da árvore acabar. Quando você age de forma violenta, alterando o tempo da existência das coisas, então você passa a ser credor daquilo. Eu acho natural a gente nascer, crescer, produzir e transformar-se. É preciso encarar a morte com naturalidade. Espero que ela só venha quando eu tiver com 99 anos e que eu possa ter a lucidez que ainda hoje eu tenho.

“É preciso encarar a morte com naturalidade”

Como manter uma postura profissional diante de casos que causam tanta comoção?

As vezes eu fico indignado. Vem a indignação da impunidade, que faz crescer na gente a raiva, o ódio. Eu tenho todos esses miasmas morais que toda a sociedade tem. Dá a impressão, eu falando aqui, que eu sou o homem do altar. Não, eu ainda



Nonato Albuquerque, jornalista e apresentador do Barra Pesada.

sou aquele que se ajoelho todos os dias, pedindo perdão pelas minhas falhas, que eu cometo, inclusive, na minha atividade profissional. São muitas, mas, ao mesmo tempo, eu peço pra que ele peço me iluminar, para que, mesmo na escuridão, possa me enxergar e servir de luz pra alguém. Falei bonito, mas não sou assim não [risos].

Quais os limites da ética jornalista diante de situações que envolvem a violência e a morte?

É uma lâmina. A gente caminha sobre a ponta

de uma lâmina. Porque, na verdade, ser ético é uma responsabilidade. Se você é ético você pode se sobrepor a essa lâmina. É difícil. Como funcionar diante de uma reportagem que, de repente, usa os termos policiaescos pra tratar de um cidadão que é pobre e quando encontra o bandido engravatado trata como senhor? É terrível. A lâmina corta meus pés... mas eu tento me manter.

[...]

A vida marcada

por Andressa Souza

Ele se encontrava frente a Deus quando recebeu a notícia. Era a primeira eucaristia de sua prima, Maria Eduarda. Seu tio Severino estava ao lado, orgulhoso da filha. A cerimônia acontecia em um colégio próximo à casa onde morava. Ele espantou-se quando, em meio a toda aquela celebração, foi chamado por um afilto Abdiel, o pintor que deveria estar colorindo as paredes do seu quarto. Logo atrás vinha sua mãe, aos prantos.

Baleado, foi o que ela disse. Manoel, o pai dele, fora atingido no pescoço por um atirador que invadiu o gabinete onde ele estava trabalhando, no Fórum Municipal. O vigilante, Orlando, foi morto na hora. O pai de Daniel era

promotor de Justiça na pequena Pau dos Ferros, interior do Rio Grande do Norte. Era oito de novembro de 1997. Manoel tinha 50 anos. Daniel, 22. O filho cursava o último ano da faculdade de Direito. O pai preparava um dossiê que denunciava condutas inescrupulosas e irregularidades cometidas pela maior autoridade do Judiciário local, o juiz Francisco Lacerda.

Manoel, ainda que muito ferido, conseguiu dirigir até a pousada onde vivia, pedir socorro ao dono do estabelecimento e fornecer o nome do atirador, Edmilson Fontes, um pistoleiro contratado, mero executor de um crime pensado por outra cabeça. Edmilson atirou a mando de Lacerda, o juiz corrupto que, sem remorso algum, ofereceu seus sentimentos à família do

promotor durante seu velório.

“Eu tinha que sufocar o sentimento de dor e encarar o processo jurídico”. O jovem Daniel tomou para si a responsabilidade de pressionar as investigações. Ele voltou à cena do crime, acompanhou a perícia, reuniu provas. Daniel não poderia permitir outra morte sem solução na sua família. A ferida do assassinato de Hermenegildo, seu irmão mais velho, morto em janeiro do mesmo ano, não estava cicatrizada. O mais novo acredita que o irmão padeceria em uma tentativa de intimidação ao pai, embora os crimes não tenham sido oficialmente conectados.

Na luta pela justiça que ele ainda acreditava existir, Daniel percebeu que esse conceito não é tão firme e fácil

pelas mortes

como as aulas da graduação podiam fazer parecer. Mocinhos e bandidos nem sempre são fáceis de reconhecer no filme da vida, nem há qualquer garantia ao herói que sofre durante toda a película que o final feliz uma hora vai chegar. Buscando culpados e algozes, Daniel foi ameaçado de morte e atormentado. Telefonemas estranhos, carros suspeitos rondando a casa onde vivia com a família. Uma emboscada que culminou em sequestro, do qual somente escapou pela sorte e ousadia de se jogar de um carro em movimento. Nenhuma investigação policial conclusiva. A justificativa é apenas uma risada sem jeito que diz tudo. “As coisas simplesmente não funcionam, infelizmente”.

Ao contrário do que se poderia pensar de alguém que per-

deu pai e irmão mais velho em circunstâncias tão hediondas, Daniel mergulhou nos direitos dos homens sobre a vida. É difícil encontrar nas vítimas da violência sentimentos que não sejam o ódio, o rancor, a vingança. Daniel ofereceu a generosidade do seu coração e foi forte pela mãe, pelos outros irmãos, pela cidadezinha interiorana marcada pela barbárie. Ainda que desconstruído, escondendo as lágrimas e o sofrimento, perdido após a morte daquele que era sua “grande referência”, Daniel usou suas experiências dolorosas e compreensão política para auxiliar pessoas que passaram por situações semelhantes e se tornou um dos maiores militantes de direitos humanos do Rio Grande do Norte.

Hoje ele sabe que não vive

em segurança. Ainda muda seus trajetos, olha para todos os lados procurando não se sabe quem ou o quê e busca não facilitar a vida de quem lhe quer mal, evitando qualquer rotina ou exposição desnecessária. Tudo porque, além do histórico familiar, o advogado teve a coragem de continuar a herança do pai na luta contra a “Justiça” corrupta. Cobrador e crítico do Poder Judiciário, as costas largas de Daniel são a sociedade que mobiliza e a imprensa vigilante. São essas instituições que ainda mantêm certa garantia de que, caso algo lhe aconteça enquanto vigora sua batalha por democracia de direitos e prevalência da ética, a luta não será esquecida, nem perdida.

[...]

A gente morre e vai pra onde?

por Criselides Lima

No almoço de domingo, em minha casa, estavam primos, tios, vizinhos e amigos. Ao final da tarde fui para meu quarto, eis que bate na porta meu primo André, 6 anos. Temos grande proximidade, de modo que ele foi logo entrando e perguntou “A gente morre e vai pra onde?”.

André só me faz perguntas difíceis, ouve alguém falando por aí de um assunto e vem me perguntar o que é. Mas acho que é da idade. Vi uma palestra uma vez de um professor de filosofia dizendo que as crianças faziam as melhores perguntas.

Fiquei em silêncio, na esperança de que se fingisse não ter ouvido, ele fosse fazer outra coisa e desistisse da complexidade desse assunto. Não deu certo, se aproximou da cama e agora me encarava pronto para a próxima rodada “Ta fazendo o que no computador?”. Sem me dar tempo de responder faz outra pergunta, “Eu vou morrer agora?”.

Pensei, “Espero que não”. Disse, “Lógico que não, a gente só morre quando ta velhinho”. Recebi um sorriso em retribuição a resposta, a culpa veio em seguida. Por que eu disse que não? Ele pode morrer hoje, não faço ideia. Não acho legal enganá-lo. Mas como deixar isso claro para uma criança?

Quando tinha 8 anos de idade minha tia-avô me apontou o dedo e disse “Teu avô era maconheiro”. Entrei em pânico, eu ia ser maconheira também? E mais importante, talvez devesse ter começado com essa pergunta, o que era ser maconheiro? Achava uma palavra feia e julguei ser algo terrível. Me torturei por dias com esse assunto, variando entre achar que minha vida corria riscos e odiando a informação desnecessária.

Desse modo, como se conversa com seu primo de seie anos sobre a morte? Claro que somos pessoas diferentes e ele poderia ter certa maturidade para entender, ao contrário de mim que assustei com a palavra “maconheiro” sem fazer ideia do que era. Meu primo poderia ser mais esperto, mas ainda assim não quis correr o risco.

Crianças são ingênuas, no fundo acham que são imortais, pulam muro, escalam árvores, atravessam a rua sem olhar. Quando era criança não tinha medo de entrar no mar e sair nadando. Por muitas vezes corri o risco de me afogar, mas só hoje tenho noção disso. A morte, pra mim, era coisa de gente velha e ficar doente um sinônimo de faltar a escola, ver tv o dia todo e comer na cama. Basicamente ser paparicada, e era ótimo. Na verdade, não achava ser possível absolutamente ninguém que

eu conhecia morrer.

As crianças, em geral, não temem a própria morte, porque não fazem realmente ideia do que seja, aprendemos na primeira série que o ser humano nasce, cresce, se reproduz e morre. E depois que morre, caso a criança tenha nascido num lar cristão, como a maioria da população brasileira, ela acredita que a gente sai da Terra e vai para o Céu. Como se fosse uma simples mudança de endereço. Aliás, pensar que vai para o Céu é uma ideia confortante, pelo menos eu achava assim até crescer e escolher no que acreditar.

Acho que o que mais apavora uma criança ao pensar na morte, não é sua morte, mas sim a dos pais. Amedrontava-me a ideia de perder minha mãe. E conversando com amigos, percebi que cada um teve na infância uma relação diferente com entender a morte, mas todos temiam pelos pais.

“Ficava no quarto às vezes sem dormir, com medo de meus pais morrerem. Chorava até.” me diz meu amigo Luciano uma vez. “Mas tu tinha esse medo todo por quê?”, pergunto. “Porque eram meus pais, quem ia me criar se eles morressem?”, ele responde. Faz sentido. Talvez por isso temesse tanto pela minha mãe.

Voltando a meu primo André, chamei-o de volta, “Andrezinho,

a morte é uma fase da nossa vida,ok? Então, geralmente, pessoas velhas sempre vão morrer alguma hora porque elas estão no final da fase da vida. Mas, às vezes, a gente morre mais cedo, uma criança pode morrer. Uma criança pode ficar ficar muito doente e morrer”.

André, imediatamente, pergunta “Eu posso morrer então?”. “Todos vamos morrer, uns morrem mais cedo outros morrem bem velhinhos. Por isso, é bom aproveitarmos a vida”.

Chega ao quarto Naylla 12 anos, vizinha da casa da frente, falante e intrometida que, sem pedir licença, vai logo participando da conversa “Andrezinho, a morte é apenas uma fase da existência da vida, depois da morte do corpo o espírito ficará vagando por outras galáxias, outros mundos”.

André arregalou os olhos e me perguntou “O que é espírito?”. Pensei, “boa pergunta, não faço ideia de como explicar isso”. Naylla, mais uma vez se intromete “Espírito é como se fosse a gente, mas fora do nosso corpo. Mas continua sendo a gente”.

Fabrizio, que tem por volta de 27 anos, é irmão da Naylla. Ele estava passando no corredor, ouviu seu comentário e disse “Existe uma vida espiritual e eterna, a base da filosofia budista são os sucessivos renascimentos. A sensação de sucessivos renascimentos leva a gente a uma grande responsabilidade e também a uma experiência de liberdade. No Budismo, a morte não é o fim completo da existência. É um encerramento de um capítulo, o capítulo seguinte é aberto em seguida.”. Ótimo,

agora ia ter que explicar ao André o que é o Budismo.

Comecei a ficar desconfortável com todas essas informações jogadas para meu primo. Mal tive tempo de falar isso e chega Ricardo, chamando Naylla para jogar bola, não sem antes falar sobre o assunto. “A morte é um fato que acontece numa vida de uma pessoa. Na minha opinião a morte é um acontecimento inesperado na vida de uma pessoa, mas a pergunta que não quer calar, quando morremos aonde iremos?”

Andrezinho ia ouvindo tudo com cara de quem ta entendendo menos ainda. Chega Raimunda oferecendo refrigerante, empregada de minha casa há mais de 10 anos, boa gente e Católica Apostólica Romana, como ela própria se define. Raimunda diz que ta todo mundo atrapalhando com essas opiniões e que só existe uma verdade, “a gente morre e vai pro céu, minha gente. Só isso. Se tu não tiver sido bom, vai pro inferno”.

Ok, chega. Pedi para todos se retirarem do quarto, menos meu primo, inventando uma desculpa qualquer, precisava dar um jeito nessa confusão de crenças e disse “Ok, André. O que você acha que é a morte?”. “Não sei. Não quero que meus pais morram. A gente morre e vai pra onde?”.

De novo ele me vem com essa pergunta. Não sei! Depende de sua crença religiosa. Interessante que mais uma vez escuto esse medo dos pais morrerem. Minha amiga Marina me contou uma vez que tinha crises de pânico da morte quando era criança, tinha muito medo de ficar sozinha sem os pais.

Na oitava série estudei com um garoto chamado Diogo, uma vez conversamos sobre a dor de perder um ente querido. Nessa época faleceu minha madrinha e Diogo, aproveitando o assunto, me contou que seu avô morreu quando ele tinha 5 anos e nunca disseram direito a ele o que havia acontecido. “Me diziam que o vovô tinha feito uma longa viagem e não voltaria mais. O problema é que eu sentia que não era só isso. Era algo além.” Pergunto se ele gostaria de ter sido informado da verdade logo aos 5 anos, ele diz que sim, que poderia não entender muito bem o que seria a morte, mas pior é a sensação de não saber o que ta acontecendo.

Explico a André que foram suposições tudo que ele ouviu anteriormente no quarto. Ninguém realmente sabe o que acontece depois da morte. E ter uma religião é um modo de encará-la, pois cada crença religiosa possui explicações diferentes sobre o que acontece depois de morrerem. Tem gente que segue a filosofia Budista, tem gente que é católica, outros são mulçumanos, etc.

Esclareço a ele que cada um tem uma forma de ver a vida e isso não era ruim, contanto que haja respeito com o próximo.

Lembro aqui do antropólogo Clifford Geertz que diz que a religião formula ideias e conceitos gerais de ordem e pode ser interpretada como uma forma de conhecer o mundo. Há também o sociólogo Peter Berger que entende a religião como um meio de manter o mundo socialmente construído pelos homens.

Lógico que não expliquei a religião do ponto de vista desses

pesquisadores. Ao contrário, tentei simplificar tudo para ele. “A única certeza da vida é a morte. Eu acho que a gente deve aproveitar e o que acontece depois da morte não sabemos. Mas se você quiser acreditar em algo, como que você vai para o Céu, acredite. Você tem esse direito, ok?”

André responde “A Raimunda falou que se eu não for bom, eu vou para o inferno”. Respiro fundo e digo, “André, você tem que ser bom, não pelo medo de ir para o inferno, você tem que ser bom para conviver bem com as pessoas.”.

“Mas me diz direito o que é a morte?”, ele pergunta. Procuo no dicionário uma definição e leio algumas: 1 Ato ou fato de morrer. 2 Fim da vida animal ou vegetal; termo da existência. 5 Pesar profundo. 6 Fim, termo.

“Entendeu?”, pergunto

“Mais ou menos, vou deixar de existir né?”

“Vai”, respondo.

“Meus pais vão morrer quando?”

A conversa se estende por mais alguns minutos, repeti a definição de morte e que não sei o que acontece depois, só sabe disso quem já morreu. As pessoas acreditam em diversas possibilidades.

Quanto a seus pais, meus tios, André só ficou tranquilo quando me fez prometer que eles nunca iriam morrer. Ainda que seja uma promessa incoerente com absolutamente tudo que tentei explicá-lo.

[...]

No místico é fácil, quero ver me mostrar na realidade!

por João Vitor Rocha

S seja das experiências nos contos da Grécia Antiga, nos quais Orfeu e Hércules desafiaram o poder de Hades, Guardião do Inferno, Deus do Mundo Inferior, e resgataram suas amadas das profundezas, até a ficção de Walt Disney, em Piratas do Caribe, onde o Capitão Jack Sparrow é aprisionado no Baú de Davy Jones e de lá resgatado, ou a Maldição do Pérola Negra, onde o Capitão Barbosa e seus tripulantes são transformados em mortos vivos ao luar, a linha tênue entre vida e morte está a um corte das Moiras.

Poderia eu, um reles e insignificante mortal brincar com a força do destino? Como diria a música: está escrito nas estrelas! Será mesmo? Não sendo um herói mitológico, semi-Deus ou personagens de um mundo encantado, seria eu capaz de enganar a morte? Se J.K Rowling me ensinou algo é que não, nem eu, nem “Você sabe quem”, muito menos os três irmãos bruxos somos capazes, apesar de um deles ter sido muito

sagaz e enrolado ela por um bom tempo.

Pensando cá com meus botões me veio à imagem de Zumbis e Vampiros como seres que driblaram a morte [...] mas pensando bem, não, nem eles conseguiram! Acabo chegando à conclusão que infelizmente um dia a nossa hora chega e temos que partir dessa para uma melhor (ou para onde você acreditar, vai saber). Se você não tem um Hércules, ou o Senhor Gibbs, uma Keira Knightley, a maldita Pedra da Ressurreição, um tal Rabicho que corte o braço por você, não pretende passar o resto da sua vida (???) “zumbizando” por aí atrás de carne humana ou não tem a menor pretensão de brilhar na luz do sol, companheiro eu te digo, aproveite bem a sua vida, porque você não vai querer se deparar cara a cara com a morte, na real, a vera mesmo, você não vai querer participar da roleta russa da vida, rezando pra ter uma segunda chance e poder contar aos seus netos que você “teve uma experiência de quase morte!”.

[...]

Reflexões sobre os suicidas

por Vinícius Mateus

“ Se me perguntassem por que as flores nascem, minha mente remontaria à perspectiva de que nascem para passarem de botão à flor – e o desabrochar surgiria como o meu primeiro elemento de resposta. No entanto, o utilitarismo da réplica se perderia em meio às consequências últimas do processo: mesmo belas, as flores também morrem.

Por que viver então? “Importada” da Filosofia, a pergunta um tanto “clichê” surge como atemporal, perfurando as eras. Viver é um enigma despretensioso. Acredito que vivamos para criar sentido para a própria vida; o que por si só já é um sentido, talvez. O que o escritor francês Albert Camus diria desse esforço é que o mesmo é gerador do “absurdo”: o impasse entre a busca do sentido inerente à vida e a incapacidade de encontrá-lo e apreendê-lo.

Nas condições da modernidade, fomentamos uma legião de homens como peças de fábrica, uma grande esteira que leva de qualquer lugar a lugar algum. Gente treinada para trilhar a sua história através do mercado, com os pés e referências no passageiro, esquecidos e alienados de vida e, principalmente, do que é a morte. Eis que surgem no seio dessa sociedade alguns indivíduos deslocados, “ovelhas negras” do rebanho, perdidas no absurdo de Camus e por ele devoradas: os suicidas. Como compreendê-los?

O fenômeno do suicídio é recorrente e moderno, um problema não muito distante: basta saber que é a décima causa de morte mais comum no planeta, ceifando um milhão de vidas por ano, de acordo com dados da Organização Mundial de Saúde. Para a psicanálise, o fenômeno se dá quando o Eros e Tanatos se digladiam dentro dos suicidas; suas pulsões de vida e de morte, como Freud chamaria, se chocam de maneira complexa e variável, o que por fim reduz os suicidas à destruição. Como entender quando, como e onde isso pode ocorrer? Aqui vale a pena citar Camus quando o mesmo fala que “Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à per-

gunta fundamental da Filosofia”. E onde estaria a resposta dessa pergunta, Camus? Saber que qualquer um pode, a qualquer momento, se ver passível de pôr fim à própria vida nos parece no mínimo uma condição perturbadora.

O que define e marca o suicida? Na virada do século XIX, Émile Durkheim, sociólogo francês, nos referenciou três tipos de suicídio, numa tentativa de visualizar os limites do impacto do suicídio e da ação suicida dentro da sociedade: suicídios egoístas, altruístas e anômicos. Os estudos de Durkheim foram importantes para uma primeira concepção do problema através da sociologia. Embora fundamentados, todos os estudos citados não nos põem a par de certezas indiscutíveis. Não findamos os suicídios ao longo da história; estes na verdade a acompanham. Continuamos sem resposta à vida. Compreender o suicida é tão difícil como compreender o que chamamos de “eu”. Compreender quem se mata é como tentar compreender por que vivemos sem saber o que é o existir, e mais; sem saber por que devemos morrer.

A vida ordinária surge como uma alienação de finalidades – os padrões de família, emprego e status capitalizado nunca foram referências absolutas – e o suicídio é a prova disso. O Japão, que possui o 12º melhor IDH do mundo, apresenta também o maior percentual de suicídio do mundo desenvolvido. Há de se perguntar novamente o que vale a vida nesses termos do moderno, vida essa que cada vez mais parece tão frágil e particular.

“Podemos pensar num mundo sem suicidas?”, poderíamos nos perguntar. Eu, porém, perguntaria se podemos pensar qual é a razão de vivermos exatamente neste mundo, por vezes estranho, cinza e desigual. Por que razão existimos nestes espaço, tempo e detalhes precisos? Talvez, ao epifânico suicida, sejamos simplesmente ingênuos ao ponto de não compreendê-lo. Talvez. E assim, a pergunta fundamental da filosofia permanece incógnita. Camus continua nos devorando com o passar do tempo... [...]

REPORTAGEM

Um começo depois do fim

Perpassando culturas e crenças diversas, encontramos sacerdotes, mestres e adeptos que revelaram a perspectiva de morte vista por suas religiões.

por Bárbara Rocha e Luana Barros

S seja por fé, receio, esperança ou tradição, muitas pessoas tendem a querer encontrar na morte uma passagem para outro plano ou, quem sabe, outra vida terrena. Diante disso, não faltam crenças e explicações mais cétricas acerca desse mistério que perturba a humanidade desde o seu princípio. Alguns acreditam que, após o fim, há uma evolução do espírito, que acontece a cada reencarnação; outros pensam que existe um paraíso onde todos terão plena paz e não mais retornarão à esfera mundana; e há quem diga que não existe mais nada depois da morte. Simplesmente acaba.

Mesmo entre religiões que acreditam no mesmo salvador ou seguem a mesma filosofia, há divergências quanto ao fim da vida.

O depois

Meditação, desapego, busca pela paz interior. A própria vivência dos seguidores do Budismo constrói a relação entre eles e a morte. Segundo Nello Baia Junior, que já atuou como monge budista, durante a vida as pessoas geram a Roda de Samsara, que corresponde a um ciclo de nascimento e morte em que a energia (como chamam a essência do ser) pode reencarnar várias vezes até alcançar uma perfeição e ir para um espaço denominado Clara Luz, se libertando do ciclo. “A morte é uma ilusão, uma ilusão criada por nós mesmos. Essencialmente, a base do budismo é perceber essa Roda (Samsara) e ter como sair desse ciclo de nascimento e morte”, nos conta Nello.

Para os budistas, o que pos-

sibilita a reencarnação do ser é o apego às coisas do mundo, ao material.

Ana Cláudia Dutra, esposa de Nello Baia e seguidora da filosofia budista, revela que, na tradição budista tibetana, existe um conceito chamado Bargo, um momento que pode anteceder ou vir logo após a morte. Ana Cláudia revela que, durante esse espaço de tempo, a pessoa vê imagens e revive momentos marcantes, entrando em um estado onde vai encontrar-se com o inconsciente. “Nesse momento, se você se deixar levar por algum desejo, volta a reencarnar”, do contrário, a pessoa “vai encontrar a ‘Clara Luz’, onde ela vai transcender o mundo; é como se ela fosse para um céu eterno”, continua Ana. Caso a energia reencarne, a pessoa terá relações com energias de vidas passadas, a fim de concluir ou concertar algo que não foi possível em passagens anteriores pela terra.

Perspectivas semelhantes são vistas pelos hindus. Religião originalmente indiana, que abrange o terceiro maior número de seguidores do mundo, o hinduísmo ramificou-se ao longo dos anos, tendo, atualmente, tradições monoteístas e politeístas. Entretanto, o conceito de morte mais conhecido contempla a Roda de Samsara e o Carma, que também é abordado no budismo, em que, após a reencarnação, a pessoa retorna à Terra para cumprir aquilo que não conseguiu em outra vida. “Aqui, carma tem uma carga negativa, mas cada ação pode ter um efeito negativo ou positivo. Isso se baseia até em uma lei da física: para toda ação há uma reação. A meta é você

ir purificando cada vez mais o seu coração até atingir, como os hindus dizem, a auto libertação. É só ao chegar à comunhão com Deus que você não precisa mais reencarnar”, relata Inez Cabral, ex-presidente da filosofia indiana Sathya Sai em Fortaleza. A libertação da Roda de Samsara é chamada moksha, assim, a alma transmigra para um espaço paralelo em que os ciclos de nascimento e morte não acontecem. “Você continua existindo, o seu eu real, aquilo que você é em essência”, reforça Inez.

A ressurreição do corpo

As religiões cristãs, sobretudo, creem na ressurreição dos mortos. Baseados nos escritos da Bíblia Sagrada ou de livros de ensinamentos utilizados por seus seguidores, os cristãos acreditam que, assim como Jesus Cristo ressuscitou após sua morte, as pessoas também o farão. Contudo, a alma passa por um processo antes de contemplar eternamente a face de seu Salvador.

De acordo com o que é pregado pela Igreja Católica, quando o ser humano deixa de habitar a terra, sua alma passa pelo juízo particular, no qual o próprio Deus irá julgá-la e dar sua sentença, que pode ser a condenação, a vida eterna ou uma espécie de limbo, denominada purgatório. As almas que, após o julgamento particular, transmigram para o Reino de Deus, são consideradas santas e já estão purificadas, enquanto aqueles que não praticaram a justiça, o amor e o bem são condenados e vão para o inferno.

Os que habitam no purgatório já estão salvos, entretanto, ne-



Shiva, o Transformador (foto), faz parte da Trimurti (a trindade hindu), junto com Brahma e Visnù, que representam a criação e a conservação, respectivamente.

cessitam ser perdoados de seus pecados para alcançarem, finalmente, o Reino de Deus. A espera pode durar um tempo indeterminado, pois irá depender de orações das pessoas que estão vivas.

“As almas do purgatório não podem se salvar por si mesmas, não podem interceder por elas mesmas. Para a purificação delas ser mais rápida para depois elas subirem para a glória de Deus, depende exclusivamente das orações dos vivos, por isso que a igreja tem o costume de rezar pelas almas do purgatório”, explica o Padre Júlio Cezar, vigário da Paróquia Nossa Senhora da Glória, em Fortaleza.

Na segunda vinda de Jesus Cristo à terra, no chamado

Apocalipse, não existirá mais o purgatório. As pessoas que estiverem vivas serão levadas ao céu ou condenadas ao inferno e aqueles que estarão no purgatório irão para o reino de Deus.

Apesar de acreditarem na ressurreição, os protestantes não oram pelas almas daqueles que já se foram, pois para eles a ideia de purgatório inexistente, inclusive, o questionamento acerca desse “plano” foi um dos fatores que deu origem à Reforma Protestante do século XVI. De acordo com a crença dos evangélicos, o tempo para que a pessoa busque a purificação deve acontecer na vida terrena.

Hermany Rosa Vieira, pastor da Igreja Presbiteriana Independente, conta que, quando a pessoa falece, os evangélicos

não expressam nenhum tipo de julgamento, pois o destino daquele espírito estará na misericórdia de Deus. “A gente não ora pela alma da pessoa, a gente não pede a Deus pela pessoa porque a gente sabe que ali já aconteceu o final. A gente faz as nossas orações voltadas para a família, para os que ficaram, pelo momento da dor, pelo consolo, mas nenhuma em relação ao destino da pessoa após a morte”.

Em relação à condenação de Deus, Hermany aponta que muitas pessoas não compreendem a relação entre o amor de Deus e a possibilidade de um castigo eterno. “Tudo é fruto do amor de Deus e, às vezes, parece estranho que há um julgamento e uma condenação baseado em



Bíblia, livro de escritos sagrados no qual se baseiam grande parte dos ensinamentos seguidos pelas religiões cristãs.



A Estrela-de-Davi é um símbolo representativo do Reino de Davi. Hoje, ela é símbolo do povo judeu.

amor, mas a ideia de julgamento é das pessoas que resolveram optar por não andar com Deus, então, não é que Deus está condenando, mas as pessoas que não querem andar com ele”, acredita o Pastor.

No Brasil, mais de um milhão de pessoas são adeptas da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, mais conhecidas como mórmons. Para os seguidores dessa religião surgida na América Pré-Colombiana, existem três diferentes planos para aqueles que morrem, no entanto, esses níveis possuem nomes e significados diferentes daqueles vistos pela Igreja Católica: o reino celestial, que corresponde ao maior grau da glória de Deus; o reino terrenal, que abriga os espíritos que foram bons, mas não aceitaram Cristo; e o reino telestial, onde estarão aqueles que foram maus em vida e não se arrependeram de seus pecados.

Antes da passagem para um desses três reinos, as almas estão sendo evangelizadas em um mundo espiritual e, quando Jesus Cristo voltar pela segunda vez, corpo e espírito se unirão

novamente, todos serão julgados e enviados aos seus respectivos reinos.

David Garcia é um 70 de área, como é chamado o sacerdote Mórmon, e um dos 20 líderes da religião no Brasil. Segundo ele, o templo frequentado por eles oferece recursos que permitem que os religiosos encontrem dados sobre seus antepassados, podendo auxiliar na salvação dos mortos, rezando por aqueles que não mais habitam a terra. “Nós fazemos um trabalho com os antepassados que já faleceram, então, conseguimos fazer de gerações em gerações. O evangelho está sendo pregado também para eles. Se eles aceitarem e nós realizarmos as ordenações do templo aqui, eles podem passar daquele local para outro, mas eles precisam aceitar.”, revela David.

A religião da vida

Contrapondo o que as religiões cristãs acreditam, para o Judaísmo, nenhuma alma precisa de salvação após a morte. “Na verdade, toda alma já está salva, toda alma volta pro Deus (sic)”, afirma Marcus Stroz-

berg, presidente da Sociedade Israelita do Ceará. Os judeus creem que aquilo que realmente importa são as ações realizadas durante a vida. “A importância está na existência, no que você é capaz de fazer, realizar, se envolver. Então tudo aquilo que você conseguir se aproximar da divindade, daquilo que é sagrado ou de uma postura ligada aos ensinamentos do Deus nessa existência, isso é que é o propósito”, relata Strozberg.

Ao iniciar a resposta das mais diversas perguntas, Marcus Strozberg sempre fazia questão de frisar que por mais que o assunto fosse a morte, aquilo que os judeus verdadeiramente valorizam é a vida. “O judaísmo é a religião da vida. O judaísmo cultua a vida”, reafirmou inúmeras vezes. Por essa razão, o estudo daquilo que acontece depois da morte é feito por uma área específica do Judaísmo, a Cabala.

Esse segmento do Judaísmo tornou-se mais conhecido depois que algumas celebridades, como Madonna, passaram a segui-la. Marcus alerta, no entanto, que a Cabala deve ser es-

tudada apenas por judeus que tenham prática religiosa regular e que sejam maiores de 40 anos. Segundo ele, é nessa área que são estudadas as questões místicas ligadas à morte e ao que acontece depois dela.

O que existe após a morte no conceito judaico apresenta algumas similaridades com aquilo que acreditam as religiões orientais. Embora creiam que toda alma volta para Deus, essa volta acontece em diferentes momentos para cada espírito. “Esse caminho até a volta ao Criador pode ser mais imediato, pode ser mais tardio. Essa distância, para chegar, depende daquilo que fizemos aqui”, afirma Marcus.

Essa volta é colocada como um caminho em que existem andares, cada andar representando o nível de evolução do espírito. Quanto mais a pessoa praticar atitudes ligadas à divindade, mais perto seu espírito estará de Olam Haba, o mundo vindouro. Aquele que praticar coisas que não estão de acordo com os ensinamentos de Deus, precisará de mais tempo para voltar ao Criador e poderá reencarnar, para que, assim, seu espírito evolua.

A morte não existe

No Espiritismo, a crença na reencarnação para que haja a evolução da alma é muito presente. “A reencarnação é a oportunidade que Deus dá de que todos voltem a esse mundo quantas vezes quantas forem necessárias, para que a alma se refine, se aperfeiçoe”, afirma Luciano Klein, presidente da Federação Espírita do Ceará.

Para os seguidores dessa dou-

trina, a morte é apenas a passagem do espírito do mundo físico para a sua verdadeira morada, o mundo espiritual. “Eu diria que o espiritismo literalmente matou a morte. Nós passamos a ter a certeza que a morte não existe”, diz Luciano.

Após desencarnar, o espírito é conduzido a uma dimensão espiritual compatível com o seu grau de evolução, que tem relação com o que ele realizou em suas encarnações. Se a pessoa viveu corretamente, seguindo os preceitos de amor e fraternidade, deverá ser conduzida aos níveis mais altos. Se viveu no mal, será colocada nas dimensões mais baixas. Esses planos circundam a Terra e são denominados “Moradas”.

O espiritismo acredita que a vida não acontece exclusivamente na Terra e que o nosso planeta é apenas mais uma fase da evolução. “Quando você conclui a sua etapa de permanência na Terra, você atinge um grau de evolução, permite você ser promovido a um outro mundo. Você pode reencarnar em outros mundos”, conclui Luciano.

Julgamento dos vivos e dos mortos

O “Juízo Final” é um momento que colocará fim a tudo, inclusive, às pessoas que estarão na terra no referido dia, segundo crenças de diversos segmentos religiosos. Para os islâmicos, esse pensamento também é verdadeiro.

“Todas as almas vão ser julgadas juntas, no dia do juízo. Então, antes disso, quando a pessoa morre, ela fica em uma vida intermediária, ela fica esperando até o julgamento começar. Se

a pessoa era boa ou era virtuosa já vai ser o começo dela no paraíso e, se ela é desobediente, já vai começando o inferno. É uma coisa individual. Só depois do dia do julgamento eles realmente vão para uma morada eterna”, explica o muçulmano Felipe Lima.

Em relação às vidas intermediárias, também existe uma interpretação: ao morrer, a alma é retirada do corpo por um Anjo da Morte e questionada sobre sua religião, processo chamado de fitnah. Caso o espírito tenha sido temente a Allah, estará em uma sepultura confortável, do contrário, habitará uma sepultura agonizante. Essas “vidas intermediárias” são chamadas pelos muçulmanos de Al-Barvack. Os islâmicos crêem também na ressurreição dos mortos, quando Allah devolverá a vida àqueles corpos inanimados. As pessoas levantarão de suas sepulturas nuas e não circuncidadas.

Há a possibilidade de algumas pessoas alcançarem a vida eterna sem um julgamento. Felipe nos conta que “alguns servos especiais que alcançaram um nível maior nessa vida ainda, Allah vai admitir no paraíso sem prestar contas: são os profetas, os mártires, aqueles que se esforçaram mais ainda e agradaram a Deus”.

● regozizo e a tristeza

Dentro das religiões afro-brasileiras acredita-se que, para nascer, a pessoa se ajoelha diante do Criador, pedindo a vida que deseja ter, incluindo como será o fim desta. Por isso, para os seguidores do Candomblé, a



Os orixás são as divindades do Candomblé que correspondem a pontos de força da Natureza

morte daqueles que já estão em uma idade avançada deve ser motivo de regozizo. O motivo? “Porque você caminhou muito na terra, você transmitiu conhecimento, você foi um ser fecundador, tanto de vida como de ensinamentos”, explica o Orgam Nelo Farias (Orgam é o segundo na hierarquia do Candomblé, abaixo apenas do pai ou mãe de santo).

No entanto, pelos que morrem com uma idade prematura, é sentida uma grande tristeza, já que eles não conseguiram concluir o período de iniciação no Candomblé, que dura 21 anos. Além disso, a pessoa deixou de cumprir seu papel na Terra, já

que a morte precoce não foi escolhida por ela mesma.

No Candomblé, existem nove mundos por onde a alma transcende, sendo a Terra o primeiro e o Órun, o último. No entanto, existe uma diferença entre o Órun e o paraíso de outras crenças. “O nosso Céu é pra baixo, porque a nossa ligação com o divino é pela terra e é através da terra que a gente é vivificado. Por isso, acredita-se que as divindades, os Orixás, sobem pela terra e lhe tomam pelo pé”, conclui Orgam Nelo.

Rede de fé

Ao conhecer a interpretação de tantas religiões, doutrinas e

filosofias acerca da morte, nota-se uma certa relação entre elas. Por mais que seus universos estejam aparentemente distantes, a busca por algo positivo após o fim é presente em todos os preceitos abordados, sejam eles mais simples ou complexos.

A morte e seus mistérios talvez nunca sejam completamente desvendados por aqueles que aqui estão. Contudo, para grande parte das crenças religiosas, a morte é apenas uma passagem, talvez uma ponte para uma vida eterna, para dimensões que ultrapassam a compreensão humana ou para outras vidas terrenas, em busca da evolução do espírito ou, quem sabe, da

energia.

O Deus e sua misericórdia, além da confiança de que, após o eterno fechar de olhos para esse mundo, se abrirá uma nova visão para algo muito melhor, regem a esperança dos fieis. Se o medo do desconhecido é natural e presente em qualquer ser humano, por que não se apegar à fé para explicá-lo?

[...]

Para os islâmicos, apenas os tementes a Allah alcançarão a vida eterna.



Rituais fúnebres

Independente da crença, as pessoas tem uma forma particular de despedir-se de um ente querido. Não seria diferente com as religiões. Cada qual tem a própria forma de preparar os ritos que marcam essa passagem.

Budismo

Quando um budista falece, o corpo é cremado, revelando o caráter de desapego total dos seguidores da filosofia. O ritual de cremação só pode ser realizado depois de três dias, que é o tempo da saída da energia. “Aqui (Brasil) a lei determina que seja cremado em até 24 horas. Alguns budistas já conseguiram liminares para que se espere os três dias, daí o juiz manda embalsamar o corpo”, diz o monge leigo Nelo Baia Junior.

Candomblé

O ritual funebre no Candomblé chama-se axexe. O corpo é velado no terreiro por todos os seguidores da religião. Após o sepultamento, passa-se sete noites cantando e dançando para a pessoa que faleceu. Isso repete-se depois de três meses, um ano, três anos, sete anos, quatorze anos e vinte e um anos. Depois desse tempo,

esse espírito vira um Exau, que é um guardião do conhecimento e é lembrado em um ritual chamado Monjuba.

Catolicismo

Apesar de recomendar o enterro do corpo, o catolicismo permite a cremação, porém, deve haver todo um cuidado com as cinzas. “Não é para pegar as cinzas e jogar no mato, no lixo, na água, na terra, mas que essas cinzas do irmão que foi cremado sejam guardadas em uma urna e esta seja sepultada no cemitério”, afirma o Padre Júlio Cezar, afinal, para os católicos, aquele corpo já foi morada do Espírito Santo, portanto, deve ser respeitado. Também são celebradas missas de sétimo dia, de um mês e de ano em oração por aqueles que já se foram.

Espiritismo

Os rituais de velórios e enterros são bem parecidos com os de outras religiões cristãs. É lido o Evangelho e sempre há entoação de hinos de louvor. A cremação é permitida, no entanto, só deve acontecer após 48 horas da morte, para que o espírito complete o desligamento com o corpo físico. Uma das principais orientações nesses momentos é que haja um choro mais contido e convertido em orações, para que a alma possa desencarnar com maior tranquilidade.

Buda denota não apenas um mestre religioso que viveu em uma época específica, mas todos os seres iluminados que alcançaram realização espiritual.



Hinduísmo

Para a maior parte dos adeptos do hinduísmo, a cremação é obrigatória após o falecimento. Os corpos são envoltos em tecidos e queimados em uma estrutura geralmente constituída de madeira, denominada pira. Ao longo dos anos, alguns hindus começaram a realizar os rituais crematórios em fornos, porém, sem abandonar as tradições.

Islamismo

Não se deve gastar muito tempo e dinheiro com nenhum tipo de ritual fúnebre. Quando um muçulmano falece, o corpo é lavado com perfumes e levado para a mesquita, onde é realizada a oração fúnebre para suplicar a Deus que tenha misericórdia dessa alma. Nesse momento não há prostração, ao contrário da oração habitual dos muçulmanos. Posteriormente, a pessoa é levada para um cemitério e enrolada em um pano branco muito simples.

O corpo deve ser colocado diretamente no chão em um túmulo sem imagens. Esse ritual deve demorar menos de 3 horas.

Judaísmo

Os rituais fúnebres judaicos exigem uma série de cuidados. O corpo deve ser enterrado no período mais curto possível e não pode ser embalado.

Existente uma lavagem do corpo antes do sepultamento. Logo após, ele é despido, já que deve ser enterrado envolvido exclusivamente por uma mortalha branca. A cremação não é aceita pela religião judaica, pois o corpo deve ser sepultado em contato com a terra. Também não é permitido o sepultamento em gavetas longe do solo. Em cada área é enterrada apenas uma pessoa, que não deve ser exumada.

Mórmon

O ritual dos mórmons após a morte de um dos seguidores não difere das maioria das religiões cristãs. A pessoa pode ser velada em sua casa, na igreja ou em um ambiente específico e enterrada em um cemitério comum. Contudo, não se faz uso de velas e hinos podem ser entoados, acompanhados de algumas orações.

Protestantismo

Ns rituais não são utilizadas velas e as orações não são voltadas para a salvação do falecido, os evangélicos apenas agradecem o tempo que a pessoa esteve viva e oram pelos familiares que ficaram. As lápides podem ou não ser acompanhadas por símbolos.

[...]

Morto ou Vivo?

por Raíssa Veloso

Quem não tem um parente que guarda fotos de pessoas sendo veladas? Se você tem um pé no interior do Nordeste a chance de ter uma relíquia desse tipo entre avós ou tios aumenta.

Fotografar os mortos no caixão era uma prática bem comum até pouco tempo atrás e que, segundo o pesquisador Titus Riedl, ajudava a família a vivenciar o luto por mais tempo.

Titus Riedl publicou em 2002 o livro “Últimas lembranças: retratos da morte na região do Cariri, região do Nordeste brasileiro”, no qual ele monta um arquivo de imagens a partir de uma pesquisa feita o interior do Ceará. De acordo com o pesquisador, antes da chegada das câmaras frigoríficas nas regiões de clima quente, as famílias tinham que rapidamente velar e enterrar o corpo. As fotografias, neste caso, possibilitavam que os familiares vissem o morto por mais tempo.

Agora, se você já se assustou com esse antigo costume, saiba que a prática de fotografar pessoas mortas pode ser ainda mais incomum. Na Inglaterra do século XIX, a moda era as fotografias conhecidas como *post mortem*, que no latim significa pós-morte. Entendida como uma última homenagem, a foto *post mortem* recompunha o ambiente cotidiano do falecido e o eternizava em uma ação costumeira. A cena era tão bem montada que fica difícil saber quem está morto e quem está vivo nas fotografias.

As fotos que você vê aqui foram tiradas no Brasil, provavelmente na década de 1930, o que evidencia que a moda *post mortem* se espalhou pelo mundo.

[...]

Fotos: Mundo Gump





O menino de olhos fechados está morto. Mas o que chama atenção nesta foto é o rosto amedrontado da irmã que teve que posar ao lado do garoto já falecido.

A moça da foto é sustentada por cavaletes de madeira que a deixam em pé, como se ainda estivesse viva. Essa prática de sustentação era comum no período das fotografias Post Mortem.



Você consegue identificar quem está morto nesta foto? Tanto o pai quanto a criança estão mortos e foram posicionados de forma a parecer que o adulto está com a criança adormecida sobre os braços.



Nesta foto já é mais perceptível que a moça sentada no centro já faleceu. Por conta do tempo de exposição, os pais saíram borrados por terem se mexido um pouco e a moça saiu nitidamente.

A VIDA de quem

por Roberta Souza e William Santos

Receber a notícia de uma partida é sempre doloroso, mas ser o porta-voz do fim (ou de um novo começo) pode ser ainda mais delicado. Na vida de quem noticia a morte, vai-se do cinza ao multicolor em um piscar de olhos, um fechar de pálpebras. Entre um suspiro e outro, ficam as histórias das vidas que seguem



noticia a **MORTE**



Vida e Morte. A linha é tênue. Entre tabus e fantasias que habitam o imaginário popular, esconde-se uma realidade presente no cotidiano de muitos profissionais. Lidar com o desconhecido exige delicadeza e tato. Enquanto alguns cumprem o fim do ciclo inevitável, outros choram a dor da perda e acalentam-se com as cores, cheiros e sabores da saudade. Em meio à sensibilidade que resguarda esses momentos, existem os porta-vozes responsáveis por falar o que, muitas vezes, os ouvidos temem, resistem em escutar. Noticiar a morte é um desafio para poucos. Mexe com vidas. Muitas delas, que entre chegadas e partidas, permanecem em trânsito. O tempo todo.

O natural da existência humana exige que a vida cumpra um ciclo. E é no mesmo lugar em que, por vezes, o que começa, termina. O silêncio interrompido por passos apressados nos corredores, o cheiro peculiar que atravessa cada compartimento, a capacidade de concentrar, em um só ambiente, sentimentos tão opostos: eis a realidade de um hospital. Lá, quem traz cada um de nós a esse mundo é também quem tem a incumbência de anunciar o nosso último suspiro.

No branco do jaleco, a presença firme provoca uma sensação que oscila entre a segurança e a instabilidade. Se a missão do médico é salvar vidas, a autocobrança pelo não fracasso é o seu guia. Osmar Aguiar é neurocirurgião e, atualmente, diretor médico do Instituto Dou-

tor José Frota (IJF), um dos maiores hospitais de urgência e emergência do Ceará. Mesmo com 22 anos de profissão - e há 10 no IJF atuando na emergência - ele lembra de como foi difícil, ainda no primeiro mês de internato, deparar-se com a morte de uma paciente que acompanhava há 20 dias. “Foi uma sexta-feira a última vez que eu vi a paciente. Quando eu cheguei na segunda, já para pegar outros leitos e olhei para o leito dela, com quem eu já havia criado certo vínculo, ela não estava lá. O leito estava vazio. Saí procurando informação, quando eu soube que a paciente havia falecido. Aquilo ali acabou a poesia que tinha o negócio pra mim”, conta, com a voz embarçada.

Segundo Osmar, quando entram em cena os conflitos pessoais, o médico acaba desenvolvendo mecanismos de autopreservação, a marcar fatos que lhe darão amadurecimento emocional e lhe prepararão para situações futuras. “Com o tempo, você vai entendendo que precisa de alguém para estar ali e que você se formou e entrou para isso. Então você não vai fugir das suas metas, você vai ter que se adaptar diariamente”, afirma. “A gente não pode emocionalizar aquele momento, porque a gente também tem que racionalizar. Se eu me envolver muito emocionalmente na situação, eu perco o foco resolutivo, então eu acabo não desenvolvendo um mecanismo ideal de tratamento daquele paciente”, explica ele.

A psicóloga Harissmana Pinto atua na Associação Peter

Pan (APP), em Fortaleza, há dois anos e tem experiência em saúde mental. A instituição oferece tratamento para crianças e adolescentes com câncer. Para ela, quando entramos em contato com a morte, fazemos, de alguma forma, uma identificação com a nossa própria finitude. “Para trabalhar com morte a gente precisa ter a morte, as perdas, bem definidas na nossa vida. A morte, para um profissional da saúde, para que ele seja bem sucedido, tem que ser bem natural. Ela faz parte da vida. Como há vida, há morte. É o início e o fim de tudo, então é algo inevitável”, acredita.

Por outro lado, distanciar-se de um caso clínico nem sempre é fácil. Algumas vezes, quando os laços afetivos passam a existir, cada história, cada sorriso, cada dia partilhado tem o seu significado especial. “Às vezes a gente recebe bebês que começam a falar, começam a andar conosco. A gente acompanha essas famílias e não tem como não ter envolvimento, porque é por um período longo. Muitas vezes a gente sabe que algumas crianças não conseguem. A trajetória é interrompida por infecções que surgem no decorrer do tratamento, e pela própria doença mesmo. E a gente sabe que isso vai levar ao óbito”, relata a assistente social Socorro Alencar, que trabalha no Hospital Infantil Albert Sabin, em Fortaleza, há 20 anos.

Para as famílias, é difícil absorver de imediato o câncer na infância. O impacto de um diagnóstico de câncer, segundo Socorro, desestrutura relacionamentos socialmente. Contudo, a



As psicólogas Harissmana Pinto (esquerda) e Fernanda Lopes (direita) relatam a experiência de se trabalhar com a morte na infância.

doença não é vista, em primeiro lugar, pelos profissionais que atuam no tratamento da oncologia infantil. “A criança, depois das furadas, está rindo e brincando normalmente. Ela está saudável. Então é o estar junto, é o chegar junto, é o acolher que faz com que a gente seja envolvida toda naquele contexto da fase terminal e consiga chegar até o fim sem perder o equilíbrio”, diz a assistente social.

Quando a morte acontece na rua

A sabedoria dos antigos já dizia que alguém só morre quando chega a hora. Controvérsias à parte, é para quem trabalha nas ruas ou nas estradas que a morte se apresenta da maneira mais inusitada. O tenente coronel da Polícia Rodoviária Estadual (PRE) do Ceará, Túlio Studart, hoje é comandante

geral da corporação, mas não tinha nem dez anos na polícia quando presenciou um acidente na CE 060 que marca sua trajetória até hoje. “Um pai de família perdeu a atenção no volante durante alguns segundos, quando foi mudar a sintonia do rádio. Ele passou direto na rodovia, chocou-se no canteiro central de uma rotatória e capotou o veículo. Faleceram a esposa e o filho dele. Na hora ele dizia: ‘Policial, tire a minha vida. Acabe logo com a minha vida’. Foi uma notícia muito chocante que eu tive que transmitir e isso aí e me abalou demais”, relembra.

Mesmo há 25 anos trabalhando como policial rodoviário, a maior dificuldade em noticiar acidentes com morte, segundo ele, é lidar com a família. “Até hoje é um processo doloroso. Além de ligar dando a notícia, às vezes está lá a vítima fatal na

estrada e chega o filho, a mãe e quer abraçar o corpo. E o policial tem que isolar o local do crime, do acidente, então veja como a situação é difícil”, comenta. Nesse tipo de situação extrema, manter o equilíbrio é fundamental. “Eu já presenciei cenas horríveis, então nunca pense que o policial militar vai se tornar uma pessoa fria não. Ele é uma pessoa emotiva também. Agora tem que ter um autocontrole, porque ele é o agente público que está ali pra socorrer as outras pessoas, para salvaguardar a integridade física de todos”, desabafa o comandante.

Parceiros do trabalho policial, os peritos também lidam com situações difíceis. O olhar, sempre atento aos vestígios, detalhes que ninguém vê, investiga crimes, soluciona mistérios e noticia o fim para vidas que seguem. “Morte de tudo o que



O ex-perito Sílvio Maia demonstra como é realizado o trabalho de investigação criminal.

foi causa eu tive a oportunidade de ver: à bala, à faca, trem, afogamento, enforcamento, estrangulamento, as modalidades de morte violentas”, diz Sílvio Maia, professor da Academia Estadual de Segurança Pública, que atuou por quatro anos no Instituto de Criminalística do Ceará.

Ele conta que, muitas vezes, já recebeu, no Instituto Médico Legal (IML), familiares chorando, querendo saber se realmente aquela pessoa cuja morte fora anunciada é seu filho, mãe, irmão. “A gente se abala com alguns casos, como teve o de uma criança que estava mexendo na

arma do tio e a arma disparou. A criança morreu instantaneamente. E eu fiz exame na mão dessa criança. Me chocou bastante. Aí chegou a família dessa criança lá. Foi um clamor violento. Mãe chorando, ninguém acreditava. Nessas situações, tem que ser muito controlado, ter a cabeça no lugar e respeitar a dor do outro.”

Quando a morte aparece na TV

A repórter que transpira atitude e coragem nas coberturas diárias do Barra Pesada, pro-

grama policial da TV Jangadeiro, emissora cearense, nem de longe parece a mulher medrosa que diz ser. Emanuella Braga é esposa, mãe e jornalista, daquelas repórteres de batente mesmo. Há nove anos, sua rotina - ou a falta dela - é a mesma: não trabalha com pautas programadas, mas busca sempre mostrar o fato como uma forma de reflexão. “Elas simplesmente surgem. O dia a dia da gente é esse, é estar na rua, é estar tirando o que a gente pode daquele lamentável fato. Porque é muito fácil você mostrar a desgraça pela desgraça, mas você fazer as pessoas pensarem em cima da-



O Tenente Coronel Túlio Studart compartilha momentos marcantes de sua profissão.

quilo é bem diferente”, pondera.

Emanuella conta que, no início da carreira, não tinha a menor pretensão de trabalhar com jornalismo policial. “É tanto que eu tenho uma dificuldade para olhar para pessoas mortas. Se não há a necessidade de eu olhar para que aquilo vá acrescentar realmente alguma coisa na minha matéria, eu não olho, e isso é em 95% dos casos. Se para o meu telespectador aquela imagem forte não vai passar, então também não tem necessidade de eu falar, detalhá-la. Eu tenho que detalhar a história que circulou aquilo ali, porque que aquilo aconteceu, os motivos que levaram àquele final”.

No processo de apuração das reportagens para o programa, o contato com a família é sempre delicado. “É muito difícil lidar com a dor das pessoas, porque muitas vezes a gente se coloca no lugar delas. Eu, hoje, principalmente depois que tive filho, tenho uma sensibilidade muito

maior em fazer matérias onde tenham crianças como vítimas. Matérias de violência doméstica, estupro, são sempre matérias muito delicadas. Todo dia é um aprendizado. Você aprende com o sofrimento das pessoas. Para mim, é sempre um exemplo de como seguir diferente na vida”, reflete a repórter, apressada, ao passo em que se prepara para mais um dia de trabalho.

Quando os caminhos se cruzam para noticiar o fim

Se a finalidade é a mesma - noticiar a morte -, os caminhos que cada um dos profissionais trilham para alcançá-la são diferentes. Afinal, cada profissão tem as suas peculiaridades. Cada uma cumpre o papel social que deve desempenhar à sua maneira. No entanto, quando o cenário de atuação coincide, saber se relacionar com outros

atores é fundamental. “A imprensa tem um papel muito importante, porém às vezes ela é imediatista, porque ela tem que coletar o máximo de dados possíveis para dar o ibope. E nós, policiais, temos que falar o mínimo possível, para tentar dar menos ibope e preservar a investigação”, defende o cientista forense Silvio Maia.

Já para a jornalista Emanuella Braga, manter o bom relacionamento garante que a informação chegue ao telespectador. “Naquele ambiente você tem que respeitar o espaço de cada um. Respeitando o espaço de cada um, a possibilidade de que você tenha pessoas que também te ajudem é bem maior”, acredita.

Entre os profissionais da saúde, há um complexo de coisas a serem levadas em consideração. “Às vezes a gente precisa, em casos mais dramáticos, das assistentes sociais ou de psicólogos. Não é incomum, quando os familiares recebem esse tipo de

notícia, virarem pacientes também, passarem mal”, afirma o médico Osmar Aguiar.

Para Fernanda Lopes, psicóloga de casos paliativos (fora da possibilidade de cura) da Associação Peter Pan, a diferença dos profissionais da saúde para os demais é a vinculação que se estabelece, de fato, no decorrer do processo. “Muitas vezes, o perito lida com aquele corpo. Não é mais, talvez, para ele, um sujeito. Aqui não, a gente sabe o nome das crianças, a gente se vincula a elas. Não tem como a gente olhar para aquele corpo e dizer que é um corpo. É um sujeito que esteve ali com a gente durante todo aquele tempo. Então não tem nem como a gente olhar pra ele de uma outra forma”, conta.

Quando tudo o que se busca é um refúgio para pensar

Os longos cabelos dos tempos da juventude já não existem mais. A paixão pela música, por sua vez, permanece intacta. E não por qualquer tipo de música. Sílvio Maia é roqueiro assumido, do tipo que coleciona palhetas de guitarristas famosos no mundo inteiro, de bandas como Mettlica, Queen, Iron Maiden e Nirvana. Músico nas horas vagas, tocar guitarra é a terapia que escolheu para relaxar a mente e esquecer das pressões que sua profissão exige no dia a dia. “Já estava até celebrando com uns colegas que já compramos o ingresso para o Rock in Rio. Vamos ver o Iron Maiden e o Mettlica mais uma



O doutor Osmar Aguiar conta sobre o amadurecimento emocional que adquiriu com o passar dos anos.

vez”, conta o fã, com tom de orgulho.

Já o Coronel Studart tem outros dois refúgios para o estresse cotidiano: a atividade física e a família por perto. “Aqui eu tiro o meu estresse caminhando, fazendo caminhada para baixar a barriga”, brinca. “É para mim, a maior riqueza da minha vida é a minha família. Não interessa se eu estou com ou sem dinheiro, o que interessa é que a minha família está segura, em paz e com saúde”.

As fronteiras entre o visível e o invisível

Trabalhar na constante dualidade que envolve vida e morte acaba por atrair experiências que mexem com corpo, mente e alma também. Na verdade, ninguém sabe do que se trata ao certo. Nem se são realmente

desse mundo. “Já vi andando no corredor do IML uma pessoa na minha frente e eu desviei a atenção. Quando eu olhei, ela não estava mais. E não tinha porta nenhuma, nada para ela se esconder. Aí dá aquele impacto. Uma pessoa normal andando na sua frente, fazendo o barulho do sapato e tal, e de repente sumiu sem explicação. O que eu fiz foi pegar o terço e rezar. E pedir a Deus que levasse aquele irmão para onde ele devia ir, que ali não era o lugar dele”, lembra o cientista forense Sílvio Maia, bem mais tranquilo do que no dia em que tudo aconteceu.

Das duas certezas que o ser humano tem na vida, a de nascer e a de morrer, é que surge, então, a filosofia do doutor Osmar Aguiar. “O intervalo entre uma e a outra você tem que aproveitar da melhor forma possível”.

[...]

Epitáfio, aqui jaz a última lembrança de um homem... Ou porque não dizer a última vaidade.

por Renata Nunes

Poesia, lembrança, criatividade e, comunicação? Sim, comunicação. Seriam através das últimas palavras que aproximamos a vida da morte, o que já foi do que ainda está, o passado do presente?

Em um passado remoto, os epitáfios desejavam narrar um ato heróico de uma personalidade social. Depois assumiram uma função muito mais memorial, caracterizando tudo o que a pessoa representava em vida nas poucas linhas de uma lápide, hoje ganharam uma forma mais cômica de homenagear ou comunicar uma última vontade do falecido.

Os epitáfios estão caindo em desuso, mas continuam presentes e fizeram história com textos marcantes e frases muito bem pensadas. Cômicos, literários, religiosos, de adoração ou até mesmo transcendentes, poucas palavras que definem muito. A última vontade de um homem não pode ser ignorada e não há homem que não mereça ser homenageado. Talvez pelo alto custo, o hábito esteja entrando em extinção, mas o fato é que no mundo das celebridades, a prática ainda é comum. O humorista Chico Anísio quando vivo, fez questão de deixar seu pedido: “E agora, vão rir de quê?”, que hoje estampa seu túmulo.

Ainda em vida, diversas personalidades do

mundo da mídia e da cultura expressam imenso desejo de ter a frase gravada em sua lápide, ou são alvo de diversas sugestões, Jô Soares como muitos outros artistas, encara o óbito com muito bom humor e exige: “Enfim magro”. Já Cazuzza optou por um trecho de uma de suas composições: “O tempo não pára”.

Quando se torna homenagem, procura enaltecer as melhores qualidades do indivíduo na terra, como em “Aqui jaz Fernando Sabino, que nasceu homem e morreu menino.”, escrito por Mario Quintana.

De fato, eles não mudam o que um homem foi em vida, muito menos a circunstância da morte, mas podem carimbar a forma de como serão lembrados. E nada melhor do que ser lembrado e falado não é mesmo? Então cuidado, e pense em vida na frase que lhe definirá em morte, ou poderá ter estampado em sua morada permanente algo que o desagrade, mas que vai levar para a eternidade.

[...]

Alguns epitáfios foram retirados do livro: “Aqui Jaz - O Livro dos Epitáfios”, de Aran & Castelo, Editora Ática - São Paulo, 1996.



Lucrecia

Adalina